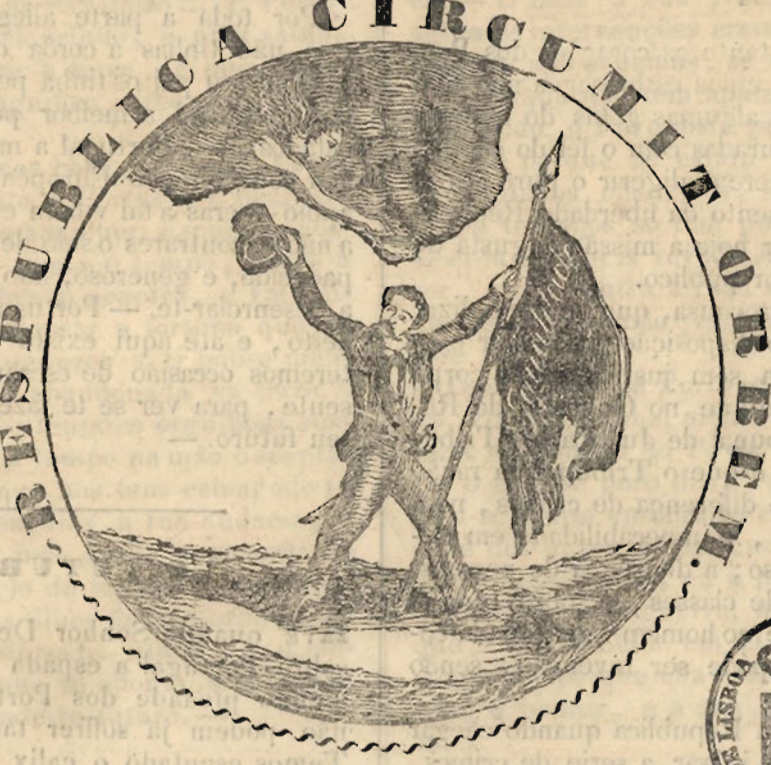
N.° 1. ABRIL 25 DE 1848.



BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

A REPUBLICA.

JORNAL DO POVO.

INTRUDUCÇÃO.

Não me vinha á lembrança a mim já quasi cadaverisado, e cuja juventude, e mocidade tinha sido passada nos tufões da politica, donde me tinha retirado; por ver, que os homens cada vez mais se apartavam da natureza, que viria, ainda durante a minha vida, um tempo, em que a força electrica dos verdadeiros principios reanimasse meus entorpecidos membros para escreverem o que o espirito sempre sentiu.

Eis-me pois escrevendo a REPUBLICA.

Quando um dia vier, e que não dista muito, em que este nome entre nós se torne facto, a REPUBLICA, este pobre papelinho, que hoje aparece encapotado, culpa dos algozes do pensamento, será o guia do Povo, se o Povo o quiser por guia — Elle não pede, não se humilha, vai aparecer á luz só confiado no que escrever. Nem a mercadoria impressa perciza ser rogada, quando ella não involve o germen da corrupção.

O papel é pequenino, não dá logar a grandes introducções. — Lêde a REPUBLICA, e ajuizai d'ella pelo que lerdes, e não pelos emissarios, que ella vos enviar a recommendar-se. VALETE.

A REPUBLICA.

REPUBLICA!! Governo da natureza? Governo da igualdade! Governo da liberdade sem licença! Governo d'amor entre todos os homens! Governo angelico!!

Republica! Nome vão, se não passas de nome!!

E Portugal quer a Republica? Dizemos que sim; porque o homem está sempre disposto a abraçar, e a seguir o bem,

mcb470872

se perfidas insinuações lhe não desvairam o pensamento; mas quer Republica, e não Governo, que só tenha o nome de Republica.

Dispôr por tanto os corações dos Portuguezes, em cujos estomagos não tem cahido, senão algumas gotas do leite da liberdade misturadas com o fel do sophisma, para poderem digerir o puro, mas fortissimo alimento da liberdade Republicana, deve ser hoje a missão augusta de todo o escriptor publico.

E a primeira cousa, que se deve dizer ao povo, como disposição preliminar é — que Republica sem justiça é um corpo sem cabeça; e que no Governo da Republica o Tribunal de Justiça é o Tribunal da razão; e que o Tribunal da razão não reconhece diferença de crimes, nem inviolabilidade, e impecabilidade em nenhum criminoso; a diferença de pessoas, a distincção de classes, e sobre tudo a impecabilidade no homem sanccionada como ley, não póde ser invenção, senão do Inferno.

E o facto da Republica quando chegar a nós tem que julgar a serie de crimes, que ha 15 annos se estão commetendo entre nós; assim como as mudanças bastardas julgaram os crimes dos Governos anteriores, mas se o Governo da Republica se contentar em julga-los, e os não punir, começará desde logo a ser um Governo com o nome de Republica, mas não uma Republica como o deve ser. —

Postos estes principios, que ninguem ousará contestar; levantemos o Tribunal da razão, e comecemos a discutir n'elle o primeiro criminoso de ha 15 annos. —

Maria da Gloria! Vem ao Tribunal, assiste ao teu processo, elle deve ser instruido com os documentos do teu passado: — Esses documentos tornam teus crimes presentes crimes de circumstancias aggravantes — Tens sido a vibora da fabula, que metida no seio do homem compadecido, quando por enregelada, não tinha movimento, abuzando do calor que a piedade lhe communicava, se desenrolou, e lhe devorou as entranhas. —

Maria da Gloria! O que eras tu? Uma vagabunda no verdôr dos annos, sem patria, sem consideração, errante de paiz em paiz mendigando soccorro a toda a gente, que te o negava. Tinhas sido expulsa do Brazil, aonde quando nascestes, te intitularam Princeza do Gram Pará.

Por toda a parte allegavas direitos, que não tinhas á corôa destes Reinos; porque teu pai os tinha perdido, roubando a teu avô a melhor porção dos seus estados, e a Portugal a maior porção da sua consideração Europêa; não achavas apoio — eras a tal vibora enregelada, que a não encontrares o seio de Portugal compadecido, e generoso, não tornarias mais a desenrolar-te. — Portugal meteu-te no peito, e até aqui existe o teu passado; teremos occasião de escrever o teu presente, para ver se te fazemos tremer do teu futuro. —

O FUTURO.

Até' quando Senhor Deus estendereis sobre Portugal a espada da vossa ira?.. Tende piedade dos Portuguezes, que não podem já soffrer tanta amargura. Temos esgotado o calix da paciencia, mas continuamos soffrendo o escarneo o mais affrontoso dos sicarios do crime. Os vossos sacerdotes, os homens do Povo expulsos da casa de Deos por mãos dos malvados perecem á mingoa, só porque são amigos do Povo, só porque no uso dos seus direitos prégariam a moral evangelica... A Igualdade, a Liberdade, a Fraternidade.

Isto é infame, é preciso que seja rainha Maria da Gloria para que tal aconteça.

Maldicção sobre ti, rainha perjura, que subistes ao throno por cima dos cadaveres Portuguezes, e depois cuspistes na face dos teus defensores, lançastes ás turmas a luva do duello; pois bem, duello haverá... e de morte... 24$ bayonetas, que os teus escravos decretaram houvesse para te defender, não podem ante-por-se ao espirito d'um Povo que pede Liberdade!...

Maria!.. Maria!.. Não te lembras da tua infancia?.. miseravel!.. Maria!.. Esquecestes já a sorte de teu pay, de teu tio, ambos expulsos de seus thronos por serem tyrannos?

Maria!.. Maria!.. Não lestes ainda a historia franceza?.. Luiz 16.º não era tyranno, era fragil, e Luiz 16.º perdeu a cabeça no cadafalso!.. E Portugal tem um pelourinho, e uma rainha de menos sobre a terra, é uma pedra de mais no magnifico edificio da igualdade!..

Não exultamos com o sangue. Foge, deixa nos, evita a Portugal o desgosto de processar uma mulher. Escuta os nossos conselhos, ainda é tempo, despe a purpura, quebra o sceptro, e vai longe de Portugal gosar a fortuna que te deram os Portuguezes a ti pobre mendicante, só, e abandonada na terra...

Mas se acaso tentares orgulhosa sustentar por mais tempo na mão o sceptro de ferro com que nos tens esmagado 14 annos, cara pagarás a tua audacia, e os Lusitanos, máo grado seu, terão de dar um exemplo de justiça e moralidade... e os teus filhos ficarão orphãos.

Maria!.. Maria!.. Maria, lê e medita o futuro que te aponta a Republica — é o verdadeiro futuro. —

A REVOLTA.

Quaes serão os estorvos, ou empecilhos, que terão demorado uma revolta n'este paiz, principalmente depois do levantamento da França?

Que torpeços haverá ahi metidos entre o Povo, e a vontade do mesmo Povo?

A Revolução é hoje tão necessaria como o sangue nas veias para ter vida; e todos sentem esta necessidade lá desde o começo do não cumprimento dessa cousa chamada Protocollo. —

Antes das elleições dizia-se: — Não convem por em quanto a revolta, em quanto não mostrarem, que prophanam a urna. — Prophanou-se. — Não houve revolta. —

Depois d'essa epocha insinuava-se. — Não convém a revolta; porque a Inglaterra se compromete a fazer dissolver as Camaras, e ao cumprimento do protocollo; esperemos o paquete. — Foram, e vieram cem paquetes, e nada de mudança, e a revolta não apareceu. —

Foi o protocollo de Portugal, e o Sonderbond da Suissa quem despertou os Francezes. — Proclamaram a Republica. — D'esde a sua proclamação athe agora as intervenções eram impossiveis; ámanhã não sabemos, se o serão.

E porque não tem aparecido a revolta? Todo o Povo está preparado para ella, e porque se estará dando tempo aos tratados offensivos, e defensivos? Estes torpeços só tem uma explicação — ei-la ahi. — A revolta hoje não póde ser, senão contra a raça da rainha; os chefes do Povo não querem a revolta por esse preço.

Desapareça de Portugal a riqueza toda, vibre o punhal assassino nas entranhas do homem do Povo, corra em jorros o sangue puro dos Portuguezes, façam-se muito embora tractados, em virtude dos quaes ou as revoluções se tornarão impossiveis, ou o paiz se alagará em sangue pela guerra, mas não se toque, não se bulla em D. Maria, e na sua raça; porque ella nos tem dado postos, e honras, e a sua raça nos dará mais.

Eis aqui porque se não faz a revolta, porque todo o paiz anhella, porque todo o paiz clama, porque todo o paiz suspira, e para a qual todo o paiz está preparado.

Homens, que tendes estado á frente do Povo! Por Deos! Pela Patria! não demoreis mais o momento da liberdade; lavai todas as vossas nodoas com este só acto de necessidade. Oh! O Povo é generoso, o Povo é docil, vós bem o sabeis. Aparecei á sua frente de boa fé, com animo firme, e resoluto de o felicitar com o exterminio da raça bragantina, e vereis como todo o Povo vos abraça, todo elle vos acclama! Apressai-vos; porque os momentos são preciosos. Não abandoneis o Povo na hora do perigo. E a hora do perigo é esta; quando o enviado d'essa pocilga das Necessidades, o seu predilecto conde-rei, vai ou já a esta hora está arranjando algemar-nos, não consintais, que se effectue a obra da iniquidade. A's armas! dizei-o ao Povo. — A's armas! vos responderá elle!!!

CORTES.

Se faltassem argumentos para demonstrar que nos governos bastardos, a existencia de cortes é o flagello dos povos, ahi estão as cortes de 1848.

Absolutismo audaz da parte dos chamados representantes do Povo, descaramento inaudito da parte do governo, que as consente, connivencia criminosa da parte da rainha; são os caracteres d'aquelle ajuntamento prophano, filho do dollo, da falsificação, e do sangue.

Ameaças ao Povo na resposta á falla da rainha — Roubo das armas cassadeiras a quem as tinha — Decretamento de 24 mil homens de linha, e de 28 batalhões d'escravos — Declaração do governo, de que não podia prescindir de similhante força; porque nenhuma auctoridade era capaz de fazer, com que o Povo obdecesse ao governo sem a presença de polvora, balla, e bayonetas, alem do supplemento do punhal, e do varapau. Eis-aqui os trabalhos do parlamento de 1848. — Está quasi a fecharse; o mais essencial fica para votos de confiança. —

E no fim de tanto martyrio alcunhase de anarchista um Povo tão submisso e tão civilisado, que ainda não fez dos salões de S. Bento um matadouro!!!

Uma revolução espantosa e sanguinolenta deve ser o desfeixo de tanta audacia, de tanto descaramento, e de tanto latrocinio, mas o Povo deve, se o levarem a esse extremo, ir á raiz do mal — Necessidades — S. Bento — e Ministerio, são os pontos, aonde se necessita um exemplo de moralidade. — O mais Deus o fará. — O Povo quer o bem, mas anda illudido. Para o bem elle caminhará todo em se lhe acabando estes impecilhos.

Em quanto a nós — depois do exemplo de moralidade dado em S. Bento; preciza-se ainda escolher novo local para novas cortes, ou ao menos picar as paredes, que estão infectadas de tanta infamia. —

NOTICIAS DIVERSAS.

O novo conde Andeiro foi á Hespanha incumbido de arranjar o tractado secreto entre os Ingleses, Narvaistas, e Cabralistas, contra a Republica Francesa, e dizem quo uma das estipulações é a interferencia mutua d'estas nações nos negocios internos de cada uma, de sorte, que havendo revolução em alguma d'ellas, serão obrigados a interferir — Estamos arranjados!!

E' preciso advirtir, que o valido da rainha, o novo conde Andeiro levou para a Hespanha uma boa porção de contos de reis, em quanto tudo por ahi definha á fome.

A rainha, vendo que a sua guarda estava redusida a um vapor, pediu mais guarda á Inglaterra. — E' escusado dizer que desde que esta mulher se tornou a loba devoradora dos Portuguezes, a guarda do seu palacio tem sido Ingleza. A guarda Portugueza é um mero aparato; não é nessa que ella confia. —

Uma correspondencia de Lisboa remetida ao Ecco Popular do Porto denuncia, que a rainha no ultimo beijamão, apertara a mão ao seu conde Andeiro, e que acabado o cortejo conversara com elle muito particularmente. Esta noticia, a ser verdadeira, não é de vida privada; porque bem publica foi a acção, e n'esse caso diz a *Republica*, que por muito estabelecida, que uma mulher cazada tenha a honra, não deve abusar tanto d'essa crença pia, — o aperto de mão de uma senhora casada, a um homem que não é seu. e quando a etiqueta não pede similhante formalidade, pode abrir as portas a suspeitas desonrosas.

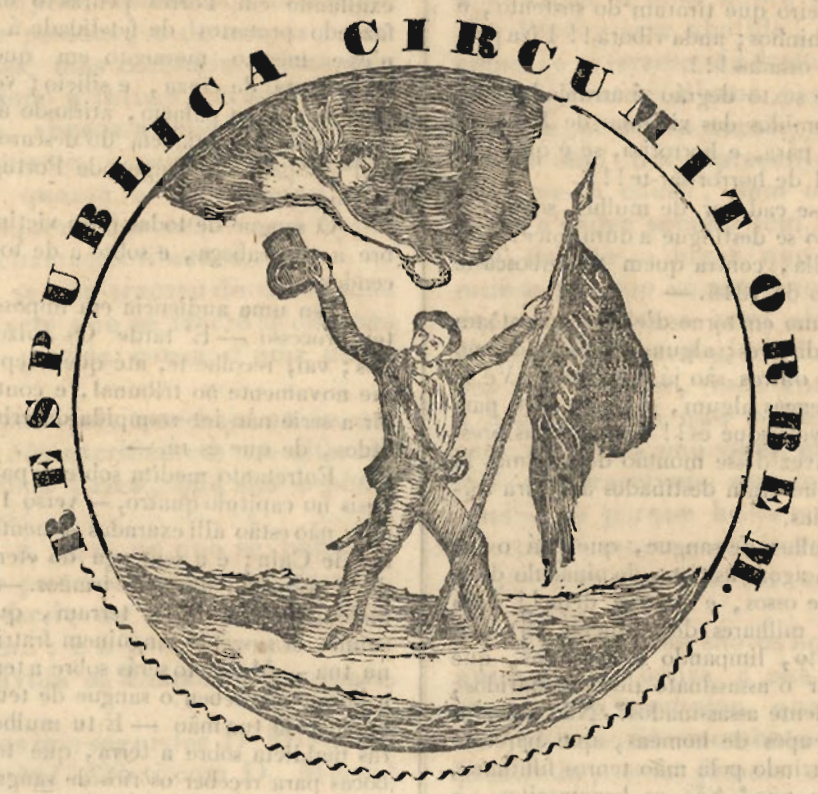
Já que o conde Andeiro priva a rainha da corôa, e do amor, que uma grande parte dos Portuguezes lhe tinham, ao menos não queira ella, quando nos deixar, que lhe tenha tambem roubado a honra por tanto aperto de mão, por tantas vizitas nocturnas, e por tantos bilhetinhos.

Sahe quando aparece. — Vende-se aonde o ha. — Não se fazem assignaturas. — A correspondencia será remettida a mim franca de porte. —

TYPOGRAPHIA DE. . . . .
A'manham o diremos.

Editor responsavel. — *Sou Eu*, José Cunha de Carvalho, que foi porteiro do Correio geral.

N.º 2. MAIO 1 DE 1848.



A REPUBLICA.

JORNAL DO POVO.

A REPUBLICA.

O que escreverá a Republica depois do seu primeiro numero? Tocou o seu zenith, não lhe resta que escrever, dirá por ahi alguem.

Escreverá o que Deos lhe inspirar, que se deve escrever ao Povo; responderemos nós.

Deixamos o primeiro criminoso desta Nação meditar sobre o seu passado para o fazermos comparecer em segunda audiencia no Tribunal da razão, no Tribunal da Republica, a fim de ver processar o seu presente.

E o seu presente é longo; conta nada menos de 15 annos.

Compareça pois ante o Tribunal da razão essa mulher, que se chama Rainha. —

Maria da Gloria!! Apressa-te, vem ao Tribunal! Mas espera; observa primeiramente, como se arma o teu throno. —

Vinte mil craneos de Portuguezes, que morreram no patibulo, nas masmorras, nos degredos, e nos homisios; por serem teus defensores formam o primeiro degráo. Sobe mulher ingrata? calca aos pés essas cáveiras, mas demora-te com a planta sobre ellas, em quanto se te prepara o segundo degráo do throno.

Mais de quarenta mil ossadas sobre postas, que exalaram o ultimo suspiro n'uma guerra fratercida te servem d'apoio para subires ao segundo degráo; sobe a elle mulher altiva!! Espera,... não tremas!! Tens ainda que subir muito.

Não vês est'outro montão de cáveiras, com que se vai preparar o terceiro degráo? São as da victimas d'Alcantara, do Chão da Feira, de Ruivães; são as das victimas, das Presigangas, dos carceres, da fome, e da desesperação. — Está prompto? Pódes trepar. —

O quarto degráo é fabricado das cáveiras dos martyres do Rocio de Lisboa em 13 de Março de 1838. Sóbe, sóbe por ellas, não te acobardes; não tiveste pejo de ires logo no outro

dia pizar o sangue d'estas victimas com os cavallos, e a carroça, para comprar os quaes elles te deram o dinheiro que tiraram do sustento, e educação dos filhinhos; anda vibora!! Piza pela ultima vez estas ossadas!!!

O quinto e sexto degrão é arranjado com os ossos já carcomidos das victimas de 1842, e 1844 — sóbe-os, pára, e horrorisa, se é que ainda és susceptivel de horrorisar-te!!!

Não vês esse cadaver de mulher semi-desfeito, a cujo lado se destingue a dura foice? São os restos d'aquella, contra quem te emboscaste em 6 d'Outubro de 1846. —

Observa como em torno d'ella se amontôam centenares de cadaveres; alguns d'elles ainda não estão desfeitos, outros são já esqueletos. Vê se entre elles diferenças algum, a quem mais particularmente deves o que és!! Lança vistas prescrutantes, e atravez desse montão de victimas lá verás muitos, que eram destinados á futura sorte de suas familias.

E' aqui mulher de sangue, que está o teu throno!! Lança agora as vistas do pinaculo d'essa montanha de ossos, e observa della!! Não vês a um lado milhares de mulheres virtuosas vestidas de preto, limpando as lagrimas, que lhe faz derramar o assassinato de seus maridos, por ti barbaramente assassinados? Não observas a outro lado grupos de homens, que parecem cadaveres conduzindo pela mão tenros filhinhos, que lhes pedem pão? São os benemeritos, a quem tens esbulhado do pão da vida; são os innocentes, que vem ao Tribunal da Republica pedir justiça contra uma mulher barbara, e ingrata, que com seus decretos os mata á fome, privando seus honrados Pais dos empregos, que occupavam!!

Demora-te sobre esse carneiro que tem sido teu throno, e ouve o depoimento das testemunhas do teu processo.

O primeiro degrao do teu throno, esses milhares de ossadas depoem, que perderam a vida por ti, persuadidos que vinhas felicitar o paiz, mas que os enganaste, e pedem ao tribunal da Republica justiça contra a perjura.

O segundo degrao depõe, que no campo da guerra civil perderam a vida. uns pela liberdade da sua patria, e outros por suas convicções do direito, bem persuadidos de que não vinhas ser mais que uma usurpadora. Todos clamam ao Ceo vingança, e ao tribunal justiça, sem distinção de côres de bandos; porque ao transpor dos umbraes da eternidade não ficaram sendo liberaes, nem realistas, ficaram sendo cadaveres de homens, assassinados por ti, mulher infame!!!

Os outros degraos do throno todos depoem que foram por ti roubados á vida, e que longe de chorares a sua perda te ufanas com o seu assassinato. —

Ha tal victima no ultimo degrao, que tendo sacrificado por ti tudo quanto o homem presa sobre a terra, até a honra politica, tendo atraiçoado uma nação para te não perder, e exallando em Torres Vedras o ultimo suspiro fazendo protestos de fidelidade á tua pessoa; n'esse mesmo momento em que devias estar coberta de cinza, e silicio; vociferavas das janellas do teu palacio, atirando ás turbas illudidas com a petulancia do descaro, um manto real ensopado em sangue de Portuguezes contra Portuguezes.

O sangue de todas estas victimas cahirá sobre a tua cabeça, e sobre a de toda a tua descendencia!

Em uma audiencia era impossivel decidir o teu processo. — E' tarde. Os Juizes estão cansados; vai, recolhe-te, até que a republica te chame novamente ao tribunal, e continuarás a ouvir a serie não interrompida de crimes, e attentados, de que és ré. —

Entretanto medita sobre as palavras do Genesis no capitulo quatro, — verso 11.º — porque ellas não estão alli exaradas somente contra a pessoa de Cain; é a sentença do eterno contra todo o assassino de seus irmãos. — Nunc igitur maledictus eris super terram, quæ aperuit os suum, et suscepit sanguinem fratris tui de manu tua — Maldicto serás sobre a terra, que abriu a boca, e recebeu o sangue de teu irmão derramado pela tua mão — E tu mulher infame! Serás maldicta sobre a terra, que tem aberto mil bocas para receber os rios de sangue de milhares de teus irmãos assassinados por teu respeito! —

A UNIÃO.

Tem-se escripto muito sobre a união dos partidos, que tão essencial se torna para o destronamento dos abusos, mas tudo quanto se tem escripto é inutil; porque as bases d'essa união são sophisticas, e reservadas.

A republica será franca, embora a sua linguagem offenda susceptibilidades.

Existem no paiz varios corrilhos, diversos bandos, differentes facções; mas partidos propriamente ditos, não existem mais que dois; um pertencente á monarchia velha com todo o apogêo d'uma aristocracia antiga; outro, que aspira ás ideias novas com todo o aparato d'uma democracia.

O partido realista até hoje, força é confessa-lo, tem sido coherente. Olhou para D. Miguel como para o representante da monarchia velha, seguiu-o e tem fundado n'elle as suas esperanças.

O partido chamado liberal, seja-

mos tambem francos) não tem sido consequente; porque em vez de uma questão de principios, apresentou uma substituição de pessoas, e de cousas, pessoas diversas, mas cousas identicas. Substituio throno a throno, aristocracia a aristocracia, abusos a abusos; despotismo a despotismo, e com tanta mais desvantagem, quanta é a differença que vai da franqueza dos realistas á hypocrisia dos chamados liberaes.

Ainda se não tractou de uma união sincera, e sem que se tracte d'ella não esperamos grande cousa d'uma união aparente

Como é possivel, que haja união. em quanto se não sacrificarem no altar da patria as duas bazes, que são o pómo da desunião?

Hoje, á vista do que se passa na Europa, e principalmente na França, nada mais facil, do que a união franca, e sincera; e é para ella que a Republica convida os chamados legitimistas.

Homens que seguistes D. Miguel!! Quereis união? Atirai com D. Miguel para a historia. Não tenhaes reserva para elle, nem para pessoa do seu tronco que possa despertar a palavra legitimidade. —

Homens, que vos chamaes liberaes? Quereis a união? Ligai-vos de coração para derribar o throno de D. Maria da Gloria, de sorte que lhe não reste esperança de reconquista-lo para si, ou seus filhos, e successores!

Se não tomardes por base estes principios, escusaes de fallar em união; porque nunca se efectua.

E o povo de ambos os partidos quer esta união, e se os chefes de ambos elles não tractarem de a effectuar quanto antes de um modo, que o povo o saiba e lhe conste; então é preciso que sejam abandonados esses cheffes e que o povo tracte do que lhe convem.

OS LEGITIMISTAS.

Todos para o todo!...
O todo para todos!...

REPUBLICANOS de coração, d'alma, votados á causa da Igualdade não podemos deixar de contemplar com magoa a situação d'uma nobre parte da Nação Portugueza abatida, e despresada como se o ferrete da deshonra lhe marcara a fronte; d'uma parte da Nação que em si conta tantos caracteres honestos sem um representante que lhe advogue a causa, sem um élo que a ligue á cadea social, sem uma posição, que denote o lugar que occupam no mundo; tendo só em favor as lagrimas dos republicanos para alivio, a corôa do martyrio para gloria!... Fallamos dos legitimistas, mas entenda-se bem a accepção em que a Republica toma esta palavra, não quer expressar com ella os irrasciveis que querem — miguel — só porque he — miguel — e não querem — maria — só porque he — maria, — mas querem rei e forca, alçadas e rei.

Legitimistas são os homens que seguiram com honra a sua bandeira em quanto ella tremulou, que se retiraram da politica no momento em que foi prostrada, sem jámais renegarem as suas crenças, sem jámais venderem as suas consciencias a troco d'um nome, d'um titulo, ou de ouro.

Legitimistas que durante 14 annos haveis como nós soffrido o despotismo d'uma mulher cruel e ignorante, dos seus ministros ladrões e assassinos!

Legitimistas que durante 14 annos haveis visto como nós trocar a forca em fuzil, que visto haveis em vez do miguel Alcaide, os Pueis, os Marçaes, os Angelos e tantos outros assassinos de profissão, sustentados pela rainha, protegidos por ella e por ella agraciados!..

União!.. União!.. Vinde a nós, que os braços dos Republicanos estão abertos para todos os que soffrem!...

Vinde a nós, que a bandeira da Republica tem huma unica palavra — Igualdade — para todos, sem excepção de cores politicas, com tanto que não hajam sido perversos!...

Vinde a nós, que hoje não ha miguel nem maria, não ha nomes, ha cousas, ha só Povo, só Republica, só Portugal!...

Paz para todos, guerra para quem a quizer!...

A REVOLTTA.

Cada hora, que passa, sem que a revolta apareça, é um pecado imperdoavel.

E a quem attribui-lo? A ninguem em particular; a todos nós em geral. Todos contribuimos para o mal, sem talvez o querermos; ao menos pela parte que toca ao povo, estamos suficientemente habilitados para assim o asseverar.

Tem culpa os chamados cheffes do povo; uns porque não tem cabeça, outros porque não tem coração.

Tem culpa o povo porque conhecendo a falta de cabeça em uns, e a falta de coração em outros, quer por força ser guiado por quem não tem cabeça, nem coração.

Um homem com as habilitações necessarias para se collocar á frente do povo; disse em cortes já depois de proclamada a Republica na França — Que nunca teve outra tenção se não de chegar a Lisboa, e ir depositar a sua espada aos reaes pés de S. M. —

Isto não preciza de commentarios — Este mesmo homem confessa, que foi pastelleiro, mas que está arrependido d'isso, e entretanto não se declara em guerra com o throno actual, e muito menos com a sua raça. — Este homem não tem cabeça —

Outro homem, que talvez fosse aproveitavel acaba de suscitar uma questão na camara dos pares, afim de se ficar conhecendo em toda a luz, que elle não foi o author de uma proclamação contra a rainha datada de Coimbra. —

Isto praticado na actualidade denuncia, que este homem não tem coração.

A Republica não desce a personalidades mesquinhas; aponta factos, e quem quizer illudir-se voluntariamente, que se illuda — O povo quer a Republica, mas taes homens não podem ser cheffes d'aquillo que o povo quer.

O povo conhecendo isto tambem tem culpa; porque se deixa illudir. Um aviso, que apareceu em um jornal ha poucos dias de certas senhas destribuidas, de certos avizos dados, cujo aviso intibiou exforços grandes; em quanto a nós foi uma denuncia infame.

Certos chamamentos feitos a certas pessoas já n'esta semana... as recommendações, que se lhes fizeram, cujos chamamentos, e recommendações intibiaram outros exforços, em quanto a nós, foi outra infamia. —

A Republica vigia-vos... cautella! o Povo deve entender-se com esses homens, que pertendem dirigi-lo, e domina lo, e a sua missão a elles deve ser breve, clara, e explicita — Quereis pôr-vos á frente do Povo para proclamar a Republica? Vamos a isso: sois nossos cheffes. Nada de demoras. Todo o Povo está prompto. Não quereis isto? Quereis Pedros quintos, Joses terceiros, Manoeis quartos? Ide-vos: o Povo não nos quer. Este desengano é necessario, para então o Povo buscar quem bem o dirija.

Lisboa 17 de Abril.

(Do nosso correspondente.)

Foi no dia d'hontem que se completaram 267 annos, que Filippe 2.º de Castella foi jurado rei de Portugal pelos 3 estados; foi por certo para terem um bom governo e para se livrarem da oppressão, que os Portuguezes sacudiram o jugo dos Filippes em 1640; mas baldada esperança! os homens do governo d'hoje são os mesmos, ou talvez peiores que os da invasão; a duqueza de Mantua está tão bem representada como o Miguel de Vasconcellos.

As chicanas entre os *cabraes* e o *invicto* vão em progresso; os pastelleiros lambem os beiços.

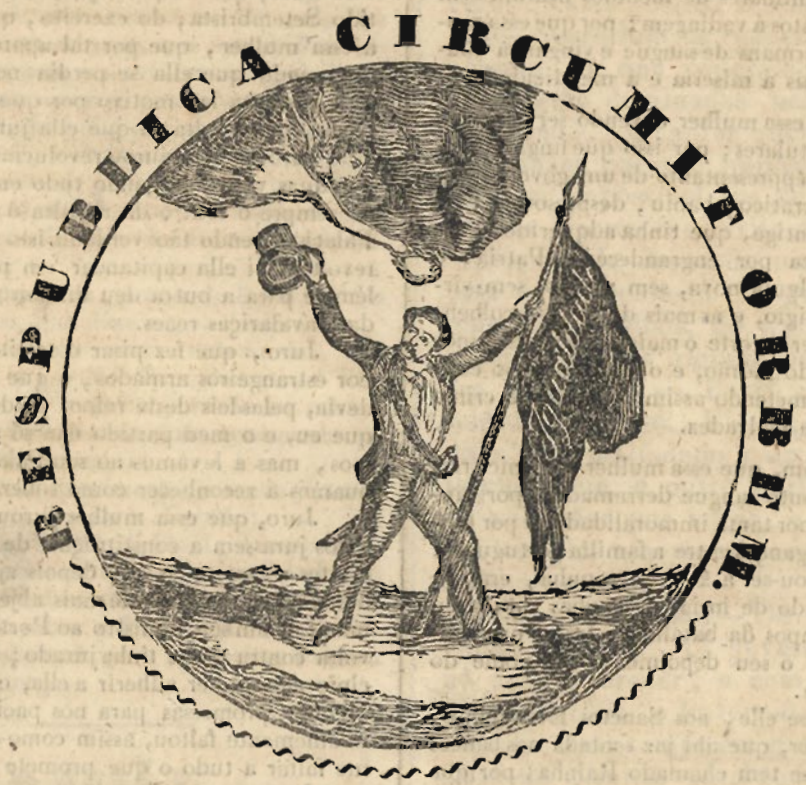
(*Ecco Popular.*)

Sahe quando aparece. — Vende-se aonde o ha. — Não se fazem assignaturas. — A correspondencia será remetida a mim franca de porte. —

TYPOGRAPHIA DE. . . . . .
A'manham o diremos.

Editor responsavel. — *Sou Eu.*

N.° 3. MAIO 6 de 1848.



A REPUBLICA.

JORNAL DO POVO.

REPUBLICA.

Quem vem lá? E' a Ré Maria da Gloria, que vem para o tribunal da rasão assistir á continuação do seu processo.

Venham as testemunhas vivas.

Um ancião veneravel, que disse pertencer á alta aristocracia antiga, e que appresentou procuração bastante para representar o partido realista jurou o seguinte:

Juro aos Sanctos Evangelhos, que a Ré, que está presente, que reconheço pela propria Maria da Gloria, filha de D. Pedro Imperador do Brazil, é estrangeira, e como tal lhe não pertencia a coroa destes reinos, a qual lhe foi conferida atropellando as leis, e não, sem que ella fosse a origem d'uma guerra fratercida, que durou tres annos, e em que morreram para sima de 40 mil portuguezes; que esta guerra terminou por um contracto solemne em Evora-Monte de cujo contracto devia ella Maria da Gloria ser o primeiro garante.

Juro, que por tres annos successivos essa Mulher consentiu, authorisou, e até passou em triumpho por sima de milhares de cadaveres dos antigos realistas, que já lhe não faziam mal, e que morreram assassinados barbaramente ás mãos dos seus algozes.

Juro, que essa mulher é Ré perjura; por que não só faltou ao contracto, mas tambem prometendo, que vinha reformar a sociedade, veio destruil-a, roubando o pão a quem o tinha adquirido, reduzindo á fome, e á miseria, homens carregados de serviços a pró da patria, expulsando dos conventos os mini-tros do altar; consentindo que se lhes uzurpassem os bens, que possuiam, e não lhes dando com que alimentar-se.

Juro, que immensas mulheres virtuosas ficaram viuvas; por que seus maridos seccumbiram ao desgosto; que muitas donzellas virtuosas, e recolhidas se lançaram nos braços da prostitui-

ção por lhes faltar derepente o apoio de seus pais barbaramente expulsos dos seus logares civis, e militares; que milhares de meninos ficaram sem educação, expostos á vadiagem; por que essa mulher com seus firmans de sangue e vingança condemnou seus pais á miseria e á mendicidade.

Juro, que essa mulher devendo ser parca na nomeação de titulares; por isso que fingidamente se inculcou reppresentante de um governo popular, e democratico; baniu, despresou, e cuspiu a nobreza antiga, que tinha adquerido os titulos de nobreza por engrandecer a Patria, e creou uma fidalguia nova, sem merito, sem virtude, sem prestigio, e as mais das vezes escolhendo para lhe fazer a corte o mais insigne assassino, o mais descarado ladrão, e o mais perverso concussionario; cometendo assim o duplicado crime de hipochrisia e malvadez.

Juro em fim, que essa mulher é a unica responsavel por tanto sangue derramado; por tantas desgraças, por tanta immoralidade, e por tantos odios, e vinganças entre a familia portugueza.

Appresentou-se a 2.ª testemunha, era um general carregado de insignias ganhas com o seu sangue nos campos da batalha, e trasia procuração para fazer o seu depoimento em nome do partido cartista.

Juro, disse elle, aos Sanctos Evangelhos, que essa mulher, que ahi jaz sentada nos bancos dos accusados se tem chamado Rainha; por que nós os cartistas; por que no tempo da guerra civil não haviam, se não cartistas, assim o quisemós; que agarrados a esse codigo, julgamos, que ella faria a felicidade do paiz; mas essa mulher com suas assignaturas tem rasgado uma a uma as folhas do codigo, por que derramamos o nosso sangue.

Juro, que essa mulher é ingrata e vingativa; ingrata; por que aos seus mais strenuos defensores tem ella esbulhado das honras, titulos, empregos, e postos; e vingativa, por que ainda em sima os tem castigado com degrédos sem processo.

Juro, que essa mulher desprezando os homens, que se tinham sacrificado pela Carta, se rodeou da escoria da sociedade, a que chamou cartistas; pondo para o lado os que o eram.

Juro em fim, que o partido chamado cartista, ligado hoje ao partido Republicano não póde deixar de exigir a punição dessa mulher.

Retirando-se esta testemunha; appresentou-se um velho general tambem, que além das condecorações que lhe adornavam o peito, vinha mutilado, e amputado em algumas partes do seu corpo, em consequencia de ferimentos. Mostrou elle uma procuração, em que o partido Setembrista lhe dava plenos direitos para jurar em seu nome, e expressou-se pela maneira seguinte.

Juro aos Sanctos Evangelhos, que fui muito amigo do Pai d'essa mulher, que andei com ella ao collo, e que lhe consagro amisade, mas chamado para jurar a verdade; ella primeiro que tudo; por que sou honrado, e verdadeiro, como homem em sociedade.

Juro, que fiz parte juntamente com o partido Setembrista, do exercito, que deu a coroa a essa mulher, que por tal apareço amputado; que vendo que ella se perdia no seu governo, quiz sustentá-la; motivo por que em 1836 apareceu uma revolta, a que ella jurou adhirir.

Juro, que perjurou revolucionando este paiz por duas vezes, alagando tudo em sangue, e sendo sempre o centro da revolta o edificio do seu Palacio; sendo tão verdade isto, que uma das revoltas foi ella capitanear em pessoa para Belém, e para a outra deu dinheiro, e os cavallos das cavalariças reaes.

Juro, que fez pisar o territorio Portuguez por estrangeiros armados, e que por este facto, devia, pelas leis deste reino, perder a coroa, mas que eu, e o meu partido não só a não processamos, mas a levamos ao seu Palacio, e a continuamos a reconhecer como soberana.

Juro, que essa mulher jurou, e pediu, que todos jurassem a constituição de 1838 como lei d'estes reinos, mas que depois ajuntando ao redor de si o que havia de mais abjecto n'este paiz; mandou um seu ministro ao Porto fazer uma revolta contra o que tinha jurado; fingindo a principio não querer adherir a ella, e fazendo depois algumas promessas para nos pacificar, ás quaes infamemente faltou, assim como tem por costume faltar a tudo o que promete e jura.

Juro, que não podendo este paiz sofrer tal monstro: por que teve o descaramento de olhar para um ladrão, faze-lo conde, e seu intimo valido, e ainda em sima ir correr esse reino appresentando ao Povo como por aeinte o objecto do seu amor; se revolucionou em Maio de 1846; que esse movimento espontaneo, e forte, daria sem duvida em terra com o idolo de tanta prostituição, se por ventura eu, e mais alguns homens do partido progressista, não fossemos torcer o caminho d'essa revolta, e encaminha-la de modo, que não desse em resultado a queda fatal do monstro.

Juro, que o fizemos de boa fé, esperando, que essa mulher se emandasse.

Juro, que longe d'isso, ella continuou a fazer do seu palacio um covil de ladrões, reunindo-os, e abraçando-os até que chegasse o momento opportuno de alagar Portugal em sangue.

Juro com effeito, que em 6 de Outubro de 1846, estando o paiz entregue ao doce somno da paz, essa mulher fez sahir do seu Palacio o esturgir da guerra; que os cidadãos pacificos foram acordados ao som das artilharias, e fusilarias, e que deu principio esse acto infame a nove mezes de guerra civil, na qual foram victimas da morte para sima de dez mil cidadãos.

Juro, que não podendo já nenhum de nós valer a essa mulher; ella contra as leis do estado fez tallar os nossos campos por exercitos hespanhoes, cruzar os nossos mares por esquadras inglezas; tremular nas fortalesas bandeiras, que

nos não pertencem, aprisionar o exercito portuguez, e que muitos valentes foram victimas da força brutal estrangeira por essa mulher pedida.

Juro, que a isto mesmo se não procedeu sem um contracto solemne, que essa mulher não cumpriu, antes pelo contrario se cercou dos mesmos entes contra quem o paiz se revolucionára, enchendo-os de honras, e mercez, e pondo ao peito de ladrões, e de assassinos, as distincções da honra, da virtude, e do merito; prostituindo-se não só a si, mas tambem as condecorações destinadas ás destincções dos cidadãos benemeritos.

Disse, e assignou, depois de lhe ser lido o seu depoimento, que disse estava conforme.

Havia ainda uma outra testemunha, que reppresentava o partido Republicano. — Ella mesmo se deu por suspeita por não ser conforme, que um Republicano fosse testemunha no Tribunal da Republica.

Terminado o depoimento, e sendo já tarde o juiz lhe dirigiu a palavra dizendo:

Recolhe-te, mulher infernal, é impossivel, que se possa encontrar no paiz, e no mundo um monstro de tal natureza! — Vai chorar o tempo que te resta sobre a lembrança de teus crimes. — Serás chamada para produzires a defesa e ouvires a sentença.

A UNIÃO.

Que é isto que por ahi vai? Silencio!! Semeadores da zizania!! Se ha entre vós manejo occulto para se não effectuar a união sincera da familia portugueza, maldictos sereis de nós, e dos vindouros!!

Pois agora é que achasteis occasião de subir ao alto dos cadafalsos, e descer ao centro das masmorras para lançar em rosto do partido legitimista as victimas dos principios liberaes?

Pois agora é que julgaes que é tempo de fazer caso d'essas provocações, para irdes ao centro das sepulturas desenterrar os mortos pelo punhal dos chamados liberaes para atirardes com o resto dos ossos carcomidos á cara dos imprudentes? Que fim é o vosso, n'esta guerra intempestiva, e inoportuna? Entreter os animos, intibiar os negocios, embaraçar a união? Não o conseguis. — A republica foi ao livro do passado, aonde estavam exaradas essas paginas sanguentas, e lançou por sobre ellas um borrão indelevel. Já se não vêem — ja se não descobrem. —

Cassetes realistas!!! Punhaes de liberdade bastarda!!. Silencio!! Sêde sinceros! Fazei justiça a todos — Quantas vezes quereriam os realistas ter mão no cassete, e não poderam: por estarem as massas dominadas pelo espirito da desunião!!! Quantas quereriam os liberaes fazer parar o punhal, e tambem lhes foi impossivel por se ter apoderado das massas o espirito da vingança!!!

Depois de desunida uma familia, depois de empenhada em guerra civil de pais contra filhos, de irmãos contra irmãos, é capaz alguem de dizer ás massas victoriosas — Parai na vossa carreira? Ninguem. E' o que tem havido n'este malfadado paiz. Guerra fratercida, um e outro partido tem ficado vencedor por vezes, e n'essas vezes de trimpho era moralmente impossivel reprimir excessos.

Mas tudo passou — De nada nos devemos lembrar. O governo republicano deve aparecer, e com elle a união d'esta familia, a fraternidade d'estes irmãos ha tanto tempo em guerra, a igualdade de direitos para todos; visto que a naturesa os fez iguaes no nascimento, na vida, e na morte.

Com o grito da republica não ha morras. — Não ha homens legitimistas, não ha homens cartistas, não ha homens miguelistas, não ha homens septembristas, não ha homens progressistas, não ha até homens cabralistas — HA HOMENS PORTUGUEZES — todos irmãos, todos iguaes em direitos — dizendo todos o que querem: a sua maioria livremente expressada fará callar as mesquinhas pertenções de todos os istas. —

Em todos ha homens de bem, em todos ha criminosos. A republica tãobem deve descriminar a virtude do crime; aquella para ser premiada, este para ser punido; mas silencio primeiro que tudo sobre o passado. Abracemo-nos todos, unamo-nos, e no aperto deste abraço fraternal exclamemos — VIVA A REPUBLICA!

A' OFFICIALIDADE DO EXERCITO PORTUGUEZ!

Justo é o vosso ciume camaradas, quan-

do a prepotencia, e o abuso substituiu o lugar da justiça, e se vos querem em promoções de afilhados, usurpar os direitos adquiridos pela antiguidade, e pelo merito!

Leis se tem fabricado em favor d'essa classe para regular o modo das promoções, e apesar d'isso sempre aparecem razões de queixa.

Justas são ellas; porque o espirito de afilhadagem se interpõe á lei, mas a Republica não vos entende. Queixosos por pequenos abusos, e silenciosos por abusos grandes!! Irritados, quando para a vossa direita se faz passar um concidadão vosso camarada, vosso amigo, vosso companheiro no baratear do sangue, em quem divisaes ou menos antiguidade, ou menos serviços: mas muito pacificos, e muito uffanos soffrendo o maior de todos os vilipendios, a mais flagrante de todas as injustiças, o escarneo maior que se podia fazer de todo o exercito!!

Sabeis aonde é Cóburgo? Sabeis o numero da população d'esse ducado? Sabeis a nenhuma representação, que faz no mappa? Sabeis de quantas praças se compõe o exercito d'este vasto imperio? De oito centas praças em tempo de paz, e de duas mil praças em tempo de guerra.

Pois um alferes d'este exercito Alemão foi de repente promovido a general portuguez, e hoje é o vosso commandante em chefe, e não vos queixaes!! E soffreis!! E aplaudis!! Vergonha para o exercito portuguez ser seu general em chefe um alferes de Coburgo!!!!

Aonde está o vosso ciume, camaradas? Pois não quereis á vossa direita um camarada vosso, Portuguez como vós, filho de pais portuguezes como vós, valente como vós: exposto aos perigos como vós, só porque tem 3 dias de praça menos do que vós, e estaes sugeitos ao commando em chefe de um alferes estrangeiro, que nunca visteis nos perigos, que não seguiu as promoções, que não visteis nascer, e que nunca foi, nem pode ser vosso camarada? Isto é aviltante para um exercito de valentes: mais aviltante ainda dar-lhe vivas!!

Não pára aqui a injustiça revoltante, e vós estaes callados!! Ahi estão já dois filhos d'este estrangeiro preterindo-vos a todos, um na arma d'infanteria feito coronel, outro na da armada, feito não sabemos o que!

A republica ha de acabar com estes abusos: a republica ha de ser justa: a republica ha de desafrontar o exercito portuguez deste vilipendio.

Se em 1820 os portuguezes expulsaram um commandante em chefe, que era Inglez, mas tinha seguido a carreira no exercito de uma nação: em 1848 os Portuguezes hão de expulsar um alferesito de Coburgo, porque não é menos, é muito mais afrontoso para o exercito, e para a nação, o seu commando!!

ÁS ARMAS.

E porque não? Estamos chegados á epocha da ultima rasão dos povos. Já não é possivel soffrer mais. Um governo despotico, e tiranno, nomeado por uma Rainha estupida e malvada, muito de proposito para nos moer com mão de ferro; todo o administrativo do paiz entregue a facinorosos muito de proposito para nos assassinarem, devem ter exgotado nossa paciencia.

Não ha armas? Arranquemo-las das mãos dos nossos verdugos. Marchemos unidos, e por muitos de nossos irmãos, que morram, ainda hãode restar os sufficientes para vingar os mortos. O governo tem tomado certas posições? E as casas dos cidadãos não são outras tantas fortes posições? Aonde ha tropa ou tonta, ou tão louca, que se atreva a resistir á justa indignação d'um povo, quando cada casa for um castello, cada esquina um reducto, e cada peito de cidadão um forte muro?

Consentireis vós, cidadãos, que assim caminhe a oppressão a passos de gigante? Aonde está o vosso valor Portuguez? Não lesteis ainda a Revolução de 1640? Pois bem, seja expulsa a Duqueza de Mantua! Suma-se o Miguel de Vasconcellos. — Viva Portugal! Viva a Republica! Viva a Religião de nossos pais! Abaixo os tirannos! Nada de demoras; por que os momentos são preciosos.

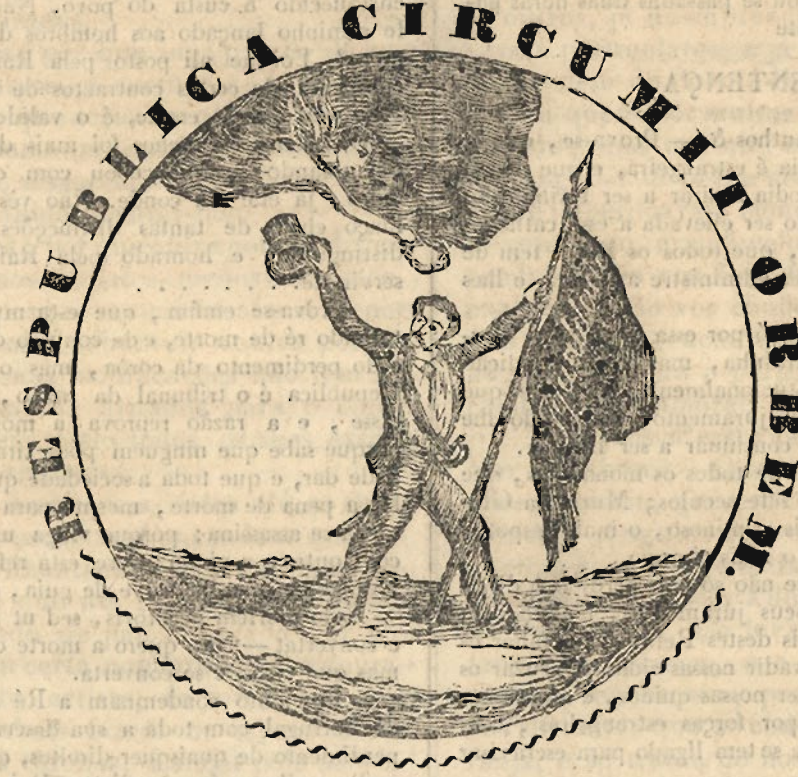
Preço de cada numero 10 *réis*

TYPOGRAPHIA DE. . . . . .

A'manham o diremos.

Editor responsavel. — *Seu Fn.*

N.º 4. MAIO 13 DE 1848.



A REPUBLICA.

JORNAL DO POVO.

A REPUBLICA.

Ainda o astro supremo do universo não tinha com seus brilhantes raios feito realçar os objectos, que se conservavam sombrios, e apenas divisados pelo apparecimento da aurora; e já pelas immediações do tribunal, senão podia passar, se não a custo; mulheres, e homens, velhos, e meninos, ricos, e pobres, com a alegria pintada no semblante esperavam anciosos o momento de ouvir proferir a sentença contra essa vil estrangeira, causadora de todas as suas desgraças.

Chegada a hora, eis que um murmurio confuso de — ahi vem ella, ahi vem ella annunciou a chegada da ré; a qual com effeito atravessou as turbas vestida de preto. e acompanhada dos filhos, derramando algumas lagrimas, lagrimas de Crocodillo!! para ver se assim enganava ainda um povo, a quem aquelles exteriores tantas vezes tinham sensibilisado. Baldadas apparencias!! O Povo com um silencio sêco e profundo deu bem a conhecer, que estava cheia a taça dos soffrimentos, e que já não haviam exterioridades, nem hypochrisia, que o fizesse mudar do seu proposito.

Constituido o tribunal, e sentada a ré Maria da Gloria no banco dos accusados: um homem, que a acompanhava, disse que não estando bem pratico na lingua Portugueza para poder orar em publico, e que tendo fugido todos aquelles; que deviam servir de advogados á ré accusada, elle offerecia a defeza por escripto. —

1.º Confissão ingenua de todos os seus attentados.

2.º Allegação de que os tinha commettido; porque a isso tinha sido levada por perfidos conselhos.

3.º Uma supplica ao Tribunal, afim de que a não punisse, visto que o Povo, e só o Povo lhe tinha aberto a porta a todos os crimes, legislando a inviolabilidade, e impecabilidade da sua pessoa, concedendo-lhe um voto absolu-

to, e armando-a de todo o poder, que se concede a um tiranno.

Lida a defeza, e retirando-se o tribunal para deliberar; installou-se passadas duas horas para ser lida a seguinte

SENTENÇA.

Vistos estes authos &. — Prova-se, que a Ré Maria da Gloria é estrangeira, e que n'essa qualidade nunca podia aspirar a ser Rainha dos Portuguezes, a não ser ellevada a essa cathegoria pela faculdade, que todos os Povos tem de escolher, quem lhes administre a justiça, e lhes applique a ley.

Prova-se, que só por essa faculdade, Portugal a acceitou Rainha, mas com a condição de governar constitucionalmente, de sorte que rescindindo ella esse juramento, rescindido lhe ficava o direito de continuar a ser Rainha.

Prova-se, que de todos os monarchas, que Portugal conta ha sete seculos; Maria da Gloria tem sido o mais criminoso, o mais despota, o mais perjuro, e o mais tiranno.

Prova-se, que não só tem perdido o direito por faltar aos seus juramentos, mas tãobem por ter contra as leis destes Reinos feito tallar os nossos campos, invadir nossas cidades, cruzar os nossos mares, abater nossas quinas, e apresionar nossos guerreiros por forças estrangeiras, com quem infamemente se tem ligado para escravisar os Portuguezes.

Prova-se, que tem sido chefe de revolta, e como tal ré de primeira cabeça, e alta traição, fazendo armar o pai contra o filho, o irmão contra o irmão, e alagando de sangue as campinas d'estes reinos, ficando por isso responsavel de tantas viuvas ao desamparo, de tantos filhos ao abandono, de tantas donzellas postituidas.

Prova-se, que tem sido um monstro de ingratidão, chegando ao desafôro de ter vociferado, que nada deve aos Portuguezes, mas sim aos Estrangeiros, de ter banido, degradado, e assassinado todos aquelles, que á custa do seu sangue mais concorreram para a tirar do estado de aventureira mendicante até a collocar n'um throno; de se ter servido quasi exclusivamente com estrangeiros, e de gritar das janellas do seu palacio — Victoria! Viva a victoria!! quando nos campos de Torres-Vedras corria em regatos o sangue dos Portuguezes. —

Prova-se, que esta mulher, tendo-lhe sido entregue o sagrado deposito do coffre das graças, o tem postituido a tal ponto, que é hoje dificil encontrar um peito ornado por ella com as distincções da honra, e do merito, de quem o Povo não possa dizer com verdade — Vês aquelle condecorado pela Rainha? Pois aquelle roubou-me o que era meu, e de meus filhos. — Não vês aquelle commendador feito pela Rainha? Pois aquelle matou meu pai; assassinou meu marido, deflorou minha filha, estuprou sua irmãa. Não observas aquelle Barão? Fel-o a Rainha desde que lhe constou, que elle era um ladrão insigne que tinha enriquecido á custa do povo. Não vês aquelle arminho lançado aos hombros d'aquelle homem? Foi-lhe ali posto pela Rainha em recompensa de certos contractos de ladroeira. — Não vês aquelle conde, é o valido da Rainha — D. Leonor ao menos foi mais decente; porque quando se amancebou com o conde Andeiro, já elle era conde. Não vês aquelle palhaço cheio de tantas distincções? Foi, e é distinguido, e honrado pela Rainha por lhe servir de. . . . . .

Prova-se emfim, que esta mulher se tem tornado ré de morte, e de confisco de seus bens, e do perdimento da corôa, mas o tribunal da Republica é o tribunal da razão, como já se disse, e a razão reprova a morte violenta: porque sabe que ninguem póde tirar o que não póde dar, e que toda a sociedade que tem como lei a pena de morte, mesmo para o assassino, torna-se assassina; porque vinga um assassinato com outro, e ainda sobre esta reflexão tem o Evangelho que lhe serve de guia, e n'elle se lê — Nolo mortem pecatoris, sed ut magis vivat, e convertat — Não quero a morte do peccador, mas que viva, e se converta.

Por tanto condemnam a Ré a ser expulsa de Portugal com toda a sua descendencia — ao perdimento de quaisquer direitos, que até agora podesse allegar á corôa d'estes Reinos, tanto para si, como para a sua descendencia, e a poder ser morta, ella, ou todo aquelle, que se revolucionar contra esta sensença; sem que por tal morte possa ser punido qualquer cidadão, que a commeter, verificado o caso de querer contravir ao aqui exarado.

Dada no Tribunal da razão do Povo aos 13 de Maio de 1843. — Assignada por dous milhões e meio de Portuguezes. —

A UNIÃO.

Sabeis; por que uma Rainha perjura, um monstro sanguinario; uma Brasileira vingativa, nos escravisa, nos rouba, nos assassina, e ainda em sima faz alarde dos seos crimes e attentados? Por que temos estado desunidos.

Sabeis; por que essa vibora com figura de mulher tem calcado com a carnuda, e asselvajada planta tudo quanto é pundonor, e decoro, tudo, quanto é respeitavel e sagrado, tudo em fim quanto é decencia? Por que temos estado desunidos.

Sabeis; por que esse demonio, que a providencia mandou sahir do Inferno

para castigo dos nossos peccados passeia ainda impune por entre um Povo roubado, e assassinado por ella? Porque estamos desunidos.

Sabeis; por que uma porção de homens devassos, e corruptos, ladrões, e assassinos, que actualmente fazem a corte a esse demonio, nos tem impunemente roubado, assassinado, e burlado? Porque tem sabido desunir-nos.

Sabeis; por que outra porção de homens, menos devassos, menos corruptos, mas nem por isso menos criminosos; por que aspiram a substituir a outra porção com pequenas modificações não tem sido despresados, atirados para o lado? Por que tem posto todos os seos exforços em desunir-nos.

Lançai as vossas vistas até ao throno, e não vos deixeis encandear com esse falso brilhantismo; por que hoje todos sabem que um throno não é nada, é um bocado de pau fabricado por um artista com certa configuração, e dourado por outro artista, de sorte, que dois artistas habeis fazem no espaço d'um mez trinta thronos. Lançai pois as vistas até lá, e vede essa hydra, que se chama Rainha, fazendo ella mesma uma revolução cada dois annos; vede no fim d'essa revolta quantos odios, quantas malquerenças, quantas vinganças, e observai quem vai ganhando, senão a mesma hydra. Oh bem sabe ella, que só da desunião lhe póde vir a força para a oppressão.

Descei aos seos aulicos predilectos, lede os seos escriptos, e vereis nos seos actos, e nos seus escriptos ressumbrar a inimizade, e o odio de Portuguez contra Portuguez, de Irmão contra Irmão... Elles bem sabem, que é preciso ter esta familia bem desunida para poder fazer apoio em uma parte d'ella, para oprimir a outra parte! Bem sabem elles, que unindo-se o Povo, caducou o imperio da oppressão, e da tirannia!

Olhai mesmo para outra porção de homens, que por ahi se vos inculcam vossos amigos, mas desconfiai d'elles sempre que os vejaes occupados em semear a sizania entre o partido Nacional; desconfiai d'elles, se por ventura elles estiverem já acostumados a serem ministros do monstro, tiverem recebido graça e mercê d'ella, e os virdes occupados em intrigar os homens uns com os outros, já na imprença, e já nas conversas particulares, e já nas reuniões.— Ao homem do Povo é-lhe licito desconfiar de quem por muitas vezes o tem enganado, mas aos que estão no veso de nos enganar deve-lhe ser tido como um crime imperdoavel, como um pensamento reservado, e malevolo, o andarem dizendo — Não vos fieis de fulano, que é exaltado; não vos confieis em sicrano, que é espião — acautelai-vos de beltrano, que desonra o partido, é ladrão, é ratoneiro, é immoral, etc. etc.

Fugí pois d'esses taes; são peiores, que os Cabraes.—Querem o mesmo que elles praticam, querem a conservação do monstro sanguinario, ou da sua raça, querem governar, e nada mais, mas bem conhecem, que sem a desunião da familia Portugueza não levam ávante seus tenebrosos planos, e a Republica chama-lhes tenebrosos; por que é nas trevas da noite, que se convenciona, se arranja, e se tracta do nosso futuro sem a nossa audiencia, e no outro dia espalha-se a cruzada a desunir-nos.

União Portuguezes! União! E' della que hade nascer a nossa força. A Republica, esse papelinho encapotado vai prégar-vos união, e dar-vos uma regra geral para ella. Reparai bem.

Não ha hoje homem nenhum, que possa ser contado como inimigo do Povo, se não aquelle, que franca e lealmente não disser — Abaixo a Rainha, e a sua raça! Abaixo o principio monarchico — Viva a Republica!

Tomai isto como regra; não vos occupeis em intriguinhas de bastidores.— Olhai para este grande principio, e reparai; que por que muita gente o não quer é que anda semeando intriguinhas entre aquelles, que o querem; por que perdida a nossa união, está perdida a nossa força, e é então, quando esses taes intrigantes nos hãode querer impôr por força o que nós não queremos, nem devemos querer. — O passado já passou, pertence á historia. Não ha pastelleiros, nem conspicuos, nem fusiladores, nem traidores, uma vez que todos queiram

lavar as nodoas na grande piscina da Republica.

AO EXERCITO.

Soldados! Aonde nascesteis? Qual é de vós, que não tem n'este Povo seu pai, sua mãi, seu irmão, seu cunhado, seu thio, seu primo, sua mulher, sua amante? Qual é tambem o Portuguez do Povo, que não tem no exercito seu filho, seu pai, seu cunhado, seu tio, seu primo?

Sois por tanto membros natos d'esta familia; e sabeis quando o Governo, e os vossos commandantes vos distribuem polvora e balla, vos reunem, vos mandam para os quarteis artilheria, foguetões, e outros petrechos de guerra, sabeis o que querem de vós? Querem que marcheis a matar vosso pai, vosso irmão, vosso cunhado, vosso primo, vosso tio, vossos parentes. E não vos envergonhareis um dia de serdes assassinos de vossos irmãos ás ordens d'aquelles, que vos roubam quanto pódem, e que pela mais leve falta vos dão o calabouço por descanço, os conselhos d'investigação, e de guerra por desfastio, e as varas nas costas por premio dos vossos serviços?

Soldados abri os olhos! Se ha uma revolução, e vos mandam metralhar o povo, mandam-vos assassinar vossos parentes; e vós no fim não colheis outro fructo, se não ficardes sugeitos ao regulamento, a essa lei de barbaros, que por dá cá aquella palha vos condemna a serdes fusilados.

Se um Povo recusa pagar enormes tributos, lá vos manda o governo obrigar esse povo a pagar, e sabeis o que ides fazer? Ides despojar vossos irmãos do sustento de seus filhos, ides arrancar á força o alheio para os vossos commandantes poderem ter um luxo aziatico, poderem ter muito dinheiro para jogarem, e vós nunca lucraes se não os tristes quatro vintens!

Soldados! Confraternisai com o Povo. Reparai para a França.

Na França proclamou-se a Republica. O Exercito lá está, ninguem lhe tocou; por que não quiz atirar ao Povo. Cá acontecer-vos-ha o mesmo.

Não acrediteis os vossos commandantes, e officiaes, e sargentos, que vos induzem a guerrear o Povo, dizendo-vos, que o Povo é vosso inimigo! O Povo é vossso amigo; e os vossos commandantes, officiaes, e sargentos é que o não são; o que elles querem é subir postos, conservar os commandos, e os sargentos querem a banda para vos poderem mais a seu salvo esmurrar as ventas.

Soldados! Ouvi a voz da Republica, sede amigos do Povo, porque sois do Povo, por que sahisteis do Povo; por que viveis entre o Povo; e por que em fim em os vossos verdugos vos não achando já com forças, é no meio do Povo, que haveis achar apoio, descanço e sustento.

MAIS UMA PROVA.

Diz um Periodico desta capital, que a Rainha visitando o Bazar, que para beneficiar os azillos d'infancia desvalida ahi esteve aberto no Palacio do Marquez de Pombal á rua Formosa; ahi compareceu tambem o seu valido; que ella se desfisera em requebros na sua presença, a ponto de deixar maravilhados todos os circunstantes. A nós não nos maravilha, todas as Brazileiras são muito amorudas e dadas a requebros.

O mesmo jornal diz constar-lhe, que o valido da Rainha vai a ser nomeado Marquez, e mordomo mór!? Tâobem não admirará; ella tanto hade andar, tanto hade fazer, que o hade meter em casa.

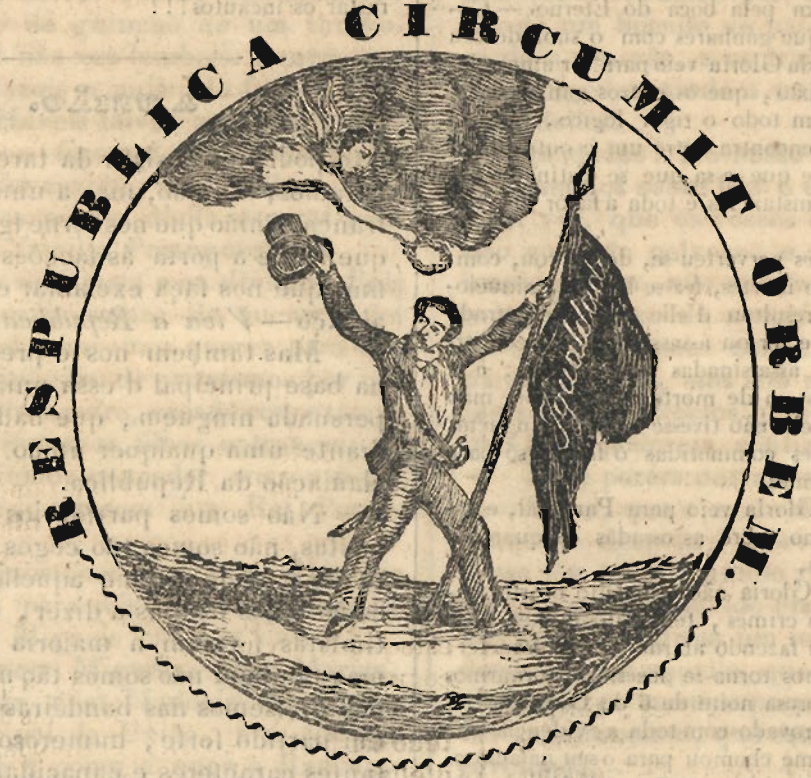
Mas o punhal dos Portuguezes já entrou no coração de um valido quando vinha sahindo da alcova da Rainha....

E porque não estaremos nós hoje authorisados pelos factos a supôr o mesmo, e a esperar uma igual catastrophe? Veremos.....

Preço de cada numero 10 *réis*

TYPOGRAPHIA DE. . . . . .
A'manham o diremos.
Editor responsavel. — *Sou Eu.*

N.° 5. MAIO 16 DE 1848.



A REPUBLICA.

JORNAL DO POVO.

A REPUBLICA.

Depois de provados exuberantemente em todos os numeros, que tem sahido da Republica, quais e quantos os crimes d'essa mulher por alcunha — Rainha — crimes, que obrigam o tribunal da razão a expulsal-a do throno, a que nunca deveria ter subido: depois de exarada a sentença, que ninguem dirá, que não é muito moderada; o que se não póde espaçar é a execução d'ella.

A Republica sabe, que ninguem se atreve a negar os crimes perpetrados por Maria da Gloria, e historiados no processo, que se lhe tem formado; mas a Republica tambem sabe, que existe uma porção de Portuguezes, que se oppoem á execução da sentença; e como nesta porção de Portuguezes se contam os coréos de Maria da Gloria, que são todos os que tem referendado seos decretos de sangue de traição, e de perfidia, bem como outros de boa fé, a quem tem sabido incutir, que entre crime, e crime ha diferença, conforme as pessoas, que os commettem, e até, que o crime deixa de ser crime quando é perpetrato por tais, e tais pessoas; pertence-nos desprezar os primeiros, que hão de soffrer os resultados da expulsão da perfida; e esclarecer os segundos para os fazer conceber exactamente as ideias de igualdade.

Façamos um argumento de comparação, que a Logica nos obriga a fazer.

Com pouca diferença d'annos appareceram no mundo dois entes iguaes em tudo no seu nascimento.

Na Galiza deitando-se um homem com uma mulher, esta concebeu, e pariu um filho, a que seus pais chamaram Diogo Alves.

No Brazil deitando-se outro homem com outra mulher, esta concebeu, e pario uma filha, a que seus pais chamaram Maria da Gloria.

Ambos estes entes se foram criando até que passados tempos se reuniram em Portugal, Diogo Alves por caminhos, e para fins mais virtuo

sos, do que Maria da Gloria; porque Diogo Alves veio para Portugal para seguir á risca a sentença proferida contra todos os homens no Paraiso de Edem pela boca do Eterno. — Comerás o pão, que ganhares com o suor do teu rosto. — Maria da Gloria veio para ser uma ociosa, comendo o pão, que os outros ganhassem.

Segue-se em todo o rigor logico, que na essencia não se encontra entre um e outro differença alguma, e que essa que se distingue nos modos, ou circumstancias é toda a favor de Diogo Alves.

Diogo Alves perverteu-se, degenerou, commeteu roubos, e mortes, fez-se-lhe um minucioso processo, e resultou d'elle o ter perpetrado alguns roubos, e ter ou assassinado, ou concorrido para serem assassinadas seis victimas; e se as leis não punissem de morte o roubo com mão violenta, talvez elle não tivesse matado ninguem; porque as mortes commetidas o foram só para encobrir seus crimes.

Maria da Gloria veio para Portugal, e assentou seu throno sobre as ossadas de quarenta mil Portuguezes,

Maria da Gloria não tem feito mortes para encubrir seus crimes, tem feito milhares de mortes violentas fazendo alarde de as commeter; e para o provarmos torna-se necessario tornarmos a fallar na tenebrosa noite de 6 de Outubro.

Não está provado com toda a evidencia que essa mulher infame chamou para o seu palacio os seus cumplices, assim como, que ahi sendo ella a authora da emboscada se disse — Vamos assaltar esta Nação, roubar-lhe os seus bens, e direitos, e se alguem resistir, morra! — E' o que fazia Diogo Alves em muito menor escalla; chamava de noite os seus cumplices, e dizia-lhes — Vamos roubar tal casa, e se houver resistencia, matemos.

Não foi Maria da Gloria, quem nessa noite fatal carregou, escorvou, e apontou as espingardas, que mataram tanta gente em 9 mezes?

Temos pois dois entes, que nasceram sem differença: porque ninguem a tem no apparecimento do mundo.

Temos dois entes vivendo iguaes na estrada do roubo, e das mortes, com a unica differença de que Diogo Alves matou, ou fez matar seis pessoas, e Maria da Gloria tem feito matar sessenta mil.

Ambos estes entes occuparam tambem na sociedade posições altas, e ellevadas, mas com uma differença indisivel nas ellevações, e alturas...

Diogo Alves occupou uma posição ellevada no alto da forca!!

Maria da Gloria occupa uma posição ellevada no alto d'um throno!!

E o paiz, aonde isto se observa, chama-se livre!!

E ha por ahi homens escrevendo republicanamente enchendo paginas de palavrões de igualdade, e querem ao mesmo tempo a conservação d'estas monstruosidades!!!

E se as reprovam na Mãi, querem a continuação d'ellas no filho!!!

E dizem-se livres!! E pertendem assim arrastar os incautos!!!

A UNIÃO.

Não podemos desistir da tarefa, que encetamos, a união, mas a união sincera e franca, união que nos torne iguaes, união que feche a porta ás facções, união em fim, que nos faça exclamar em apertado abraço — *Viva a Republica.*

Mas tambem nos é preciso insistir na base principal d'essa união, e não se persuada ninguem, que hade levar por diante uma qualquer união sem a proclamação da Republica.

Não somos partidarios dos legitimistas, não somos tão cegos pelo espirito de partido, como aquelles, que nos estão todos os dias a dizer, que os legitimistas formam a maioria da Nação, mas tambem não somos tão myopes, que não divisemos nas bandeiras legitimistas um partido forte, numeroso, e de bastantes caracteres e capacidades.

Desenganem-se tambem, que um ou outro desertor d'esse partido, uma dusia, um cento, dois centos de renegados d'elle, não dissolvem aquelle todo.

E deixemo-nos de illusões, falemos franco; o chefe d'aquelle partido é D. Miguel.

E diz-se, que se quer união, e não se quer ouvir falar em D. Miguel, mas não se quer prescindir de D. Maria, ou da sua raça!

E a Republica vos diz, que baldados exforços! Pois meteu-se-vos alguma vez na cabeça, que um partido havia fazer o sacrificio do Idolo da sua adoração, sem que o outro sacrificasse tambem pela patria o Idolo da sua? Pois podesteis alguma vez pensar, que o partido legitimista hade curvar o joelho a Dona Maria 2.ª ou a seu filho, quando tem a consciencia, de que a coroa de Portugal lhe não pertence? Que modo é este de querer a união? Arrastar as consciencias dos outros á vossa convicção ou interesses?

Fazei pasteis para ver se é possivel conservar no throno D. Maria da Gloria

cercada de *principios republicanos*; se não julgardes isso possivel, gritai por D. Pedro 5.º, berrai quanto vos aprouver pelo ninho de guincho de um thronosinho, mas não vos lembreis nunca, que com isso fazeis a união da familia Portugueza. Haveis talvez acarretar os legitimistas a fazerem corpo comnosco em qualquer revolta, que melhore a situação, mas no fim d'ella esperai pela divisão da familia Portugueza.

E não será justa essa divisão? Pois nós que nos presamos de querer a lei da igualdade, havemos querer para nós o direito exclusivo de gritar-mos por um monstro extrangeiro, casada com extrangeiro, ou por seus filhos extrangeiros, e não havemos conceder aos outros o direito de quererem um Rei Portuguez?

Se a questão é de Marias, Manoeis ou Pedros para nós; por que não ha de ser de Migueis para os outros?

Mas nem Migueis, nem Marias, nem Pedros, nem Manoeis; eis aqui a base principal da União, e é como a entende, e é como a quer a Republica.

AO EXERCITO.

Soldados! No nosso numero passado tomamos sobre nós o encargo de vos fazer ver, que o Povo é vosso amigo; por que a maior parte de vós fosteis arrancados dos braços de vossas mães, para servir o despotismo dos vossos commandantes, e ainda mais, muitos de vós fosteis agarrados por essas ruas dando-vos o titulo de vadios, e fosteis mandados para a tropa, como em castigo da vadiagem; logo bem podeis ver quem é vosso amigo, se o povo que vos não fazia mal, que vos sustentava e com o qual vos divertieis, ou os vossos mandões, que ou vos foram prender a vossas casas, ou vos agarraram por essas ruas chamando-vos vadios!

Soldados! No nosso numero passado tomamos sobre nós o encargo de vos demonstrar, que vós não andaes sendo, se não os instrumentos da força, de que usam os vossos mandões para elles poderem ter estados maiores, muitas forragens, avultados soldos, e a vós que sois quem os sustentaes, dão-vos por caridade um bocado de pão negro, como se dá a um cão, e os tristes quatro vintens sugeitos ainda á mil descontos, e comedellas.

Soldados! No nosso ultimo numero tomamos sobre nós o encargo de vos fazer ver, que os vossos commandantes não vos dão polvora, e balla, não vos incommodam, não vos fazem passar as noites debaixo de armas para resistires ao inimigo, para conquistardes terras para Portugal, mas sim para vos tornar assassinos de vossos paes, e irmãos, e para elles poderem continuar a roubar.

Hoje porém outra é a nossa missão.

Sabei, que o modo de governar tyranno, e despota; sabei que o que se passa por todo o mundo; que as revoluções, que tem havido em todos os Reinos para sacudirem um jugo ainda mais doce, do que aquelle, que nos opprime; sabei que os mesmos preparativos do governo annunciam, que está proxima uma revolução.

Sabei Soldados, que esta revolução é indispensavel, hade aparecer por força; não precisa até que ninguem a arrange. Toda a Europa se está movendo acclamando a Republica; nós não somos excepção de regra; o governo temendo esse movimento espantoso, que ha de fazer de vós, e de nós todos, irmãos queridos, mas que os hade deixar a elles sem a posta, empenha-se em se conservar, servindo-se de vós.

Nós não queremos negar a vossa valentia, o vosso valor. — Se vós seguirdes o que vos mandam os vossos chefes, haveis matar muita gente do Povo; de vós tambem hão de morrer bastantes; por que vos deveis lembrar, que esta questão é de todo o Povo; que vós sois apenas em todo o reino dose mil homens, que d'estes dose mil, quasi ametade simpatisa com o Povo; e que por muitos de vossos parentes, que vós mateis, muitos mais ahi ficam para vingar as suas cinsas, e que será então de vós?

Reparai bem, que a Rainha embarca em vendo o caso mal parado; nem ahi estão embarcações inglezas para ou-

tro fim. Os vossos chefes, como tem dinheiro, vão matando, em quanto poderem, e vós lhes obdecerdes, e no fim escapam-se, e fogem, levando muito dinheiro para comerem, mas vós Soldados? O que fareis? Aonde vos escondereis?

Soldados! Reparai, e examinai as cousas, em quanto é tempo. Nós vos FAZEMOS RESPONSAVEIS POR TODO O SANGUE; QUE DERRAMARDES.

Se confraternisardes com o povo, todo o povo será vosso amigo.

Se começardes a seguir o que vos mandam esses monstros, e atirardes ao povo, elle será vosso inimigo. E quereis viver n'uma Nação inimiga, escondidos pelas covas com medo de aparecerdes, ou quereis abraçar-vos com o Povo, e serdes todos amigos e Irmãos?

Soldados! Reparai bem, que esta questão hade ser de vida, e morte, e que não é possivel, que seis, ou oito mil homens resistam a trez milhões de habitantes. Reparai, que já cá não voltam Hespanhoes nem Inglezes; porque trinta e oito milhões de Francezes o não consentem! Reparai na grande questão, que se vai ventilar.

Ou REPUBLICA.

Ou MORTE.

Este é o grito de Portugal inteiro.

Escolhei.

Ou sósinhos, seguindo apenas os vossos chefes, em quanto durar a batalha que será breve, e deciziva, ou acompanhados, e levados em triumpho por todo o Povo. — Escolhei.

A'S ARMAS.

A's armas Portuguezes! E sem delongas. Já basta de soffrer. E' uma vergonha estar vendo a nossa fazenda roubada, as rendas do estado repartidas por meia duzia de ladrões—o Exercito sem pret—os empregados publicos sem pagamento; as viuvas e pensionistas morrendo de fome, os egressos pedindo esmolla, as freiras já com um projecto na camara para se lhes roubar o pouco, que ainda lhes resta; um bando d'assassinos dispondo dos nossos bens, e dos nossos direitos, e vidas, e ainda em cima de tudo isto estar vendo a sangue frio um governo tiranno, e tão despota, como quem o nomeou insultar a nossa desgraça, mandando-nos primeiramente desarmar por Estrangeiros, roubando nos depois até as armas cassadeiras, e por ultimo forteficar-se, barricar-se, e mandar para os quarteis materiaes combustiveis, ameaçando de abrasar nossas casas, queimar nossos filhos, destruir nossas propriedades, e dominar-nos manietados, e pobres, como se fossemos um rebanho de negros; e elles nossos senhores.

A's armas Portuguezes! Nenhum Povo ainda quiz ser livre, que o não fosse; só á nossa desunião; só á nossa cobardia é que se deve a duração de similhante tirannia. Unamo-nos, e combatamos. Antes morrer com honra pela liberdade, do que viver desonrado, tido como escravo.

A's armas Portuguezes! Nada de demoras; paus, pedras, telhas, punhaes, estoques, xuços, vasos de terra, cadeiras, commodas, azeite a ferver, agoa quente, cal, agoa forte, vidros, granadas de mão, tudo são armas, em se querendo fazer uso d'ellas, preparai-vos nas casas com todos estes elementos, em quanto nas ruas nos empregamos na destruição dos inimigos com as armas de fogo que tivermos, e deixai marchar pelas vossas ruas um corpo dos mais valentes dos cabraes, a ver se elle conserva ordem, e resiste a esta especie de guerra!

Em 24 horas d'esta natureza está salva a patria; alguns de nós morreremos, não importa, a certeza que levamos, de que morremos pela liberdade, e das lagrimas que ireis derramar sobre nossos sepulchros, nos servirá de conforto. A'vante e ás Armas.

Viva a Religião de nossos Paes!

Abaixo os Reis, e a Aristocracia!

Viva Portugal!

Viva a Republica!

Sahe quando aparece. — Vende-se aonde o ha. — Não se fazem assignaturas. — A correspondencia será remettida a mim franca de porte. —

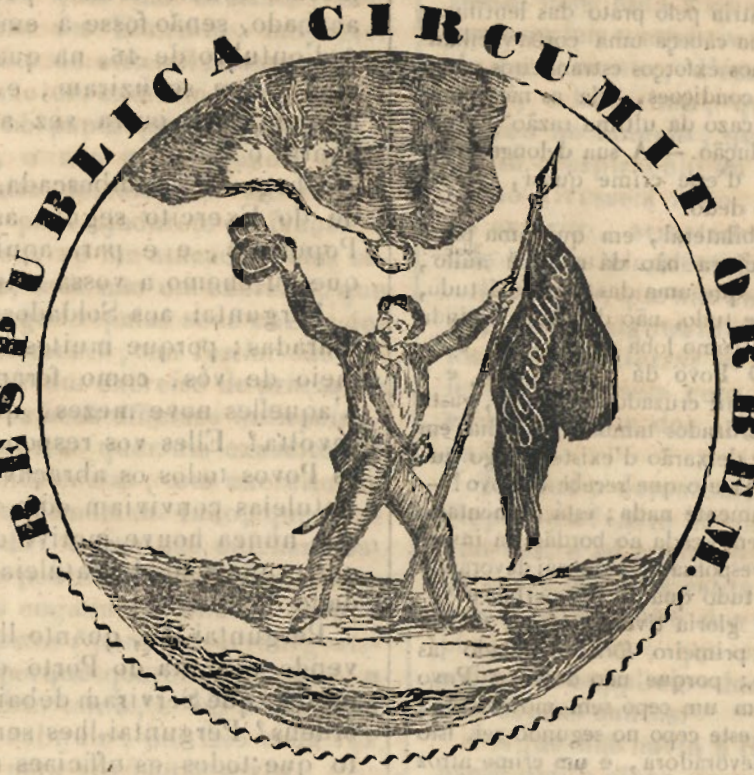
Preço de cada numero 10 *réis*

TYPOGRAPHIA DE. . . . . .

A'manham o diremos.

Editor responsavel. — *Sou Eu.*

N.° 6. MAIO 29 de 1848.



A REPUBLICA.

JORNAL DO POVO.

A Republica.

As revoluções são o ultimo recurso dos Povos opprimidos: o querer dos Povos no meio da lava revolucionaria é a verdadeira legitimidade das Nações.

E o primeiro cazo já se deu há muito; porque de há muito tem sido desprezados, e cuspidos por uma rainha estupida, e sanguinaria todos os recursos legaes, de que este Povo tem lançado mão.

Reppresentações de toda a parte, os orgãos da Imprensa Peridioca lhe pintaram o o perigo, que corria cercada da caffila, que lhe faz corte; seu coração impedernido não se moveu.

Duas revoluções apareceram para que ella apartasse de si os objectos do odio figadal deste Povo; armou-se da força assalariada, correu o sangue, despotisou tudo.

Como em triumpho ella caminhou por terras de Portugal, appresentando ao Povo o homunculo, que faz o objecto de seu amor, não se peja, não se envergonha de ir hospedar-se em Thomar n'uma caza, aonde existe o corpo de delicto do roubo do seu amante; e quem sabe, de quantos crimes, e infedilidades seria ainda testemunha essa caza outr'hora patrimonio dos ministros do Altar!!!!

Camaras Municipaes, verdadeiras reppresentações dos seus municipios requerem contra os abusos, e se todos o não fazem é menos devido aos dezejos, do que á falta de coragem. Essas Camaras são demittidas, e processadas.

Uma revolução geral se manifesta; o monstro humilha-se, quando vê pendente sobre a cabeça a espada de Damocles, mas esconde-se entre os matos, como faz o salteador para

cahir d'improviso sobre o viajante: é o que foi a noite de seis d'outubro.

Arde o paiz no fogo da guerra, e o monstro vende a Patria pelo prato das lentilhas; sustenta ainda na cabeça uma corôa vacillante, devido só aos exforços estrangeiros, mas elles lhe impõe condiçoes, ella as não cumpre, chegou o cazo da ultima razão dos povos. — A Revolução. — A sua delonga é um crime; os réos d'esse crime quasi, que se apontam com o dedo.

O contracto bilateral, em que uma parte dá tudo, e a outra não dá nada é nullo, mas aquelle em que uma das partes dá tudo, e a outra recebe tudo, não dá nada, e ainda em sima mórde como loba derramada, é escandalozo. — O Povo dá a d. maria, e á sua familia seis mil cruzados cada dia, gasta mais tres mil cruzados tambem por dia em tribanecas, que deixarão d'exister, logo que ella seja expulsa; e o que recebe o Povo? — Nada, absolutamente nada; está alimentado a vibora, que enroscada ao bordão da inviolabilidade, e irresponsabilidade vai devorando pouco a pouco tudo quanto nos pertence.

Se maria da gloria tivesse sido o rei da Fabula, que primeiro fôra mandado ás rans, mau era; porque não devia o Povo gastar tanto com um cepo sem movimento; mas convertido este cepo no segundo rei, isto é, na vibora devoradora, é um crime atroz a sua conservação n'este paiz, e como os filhos de vibora não podem ser cordeiros, criminosos se tornam todos aquelles, que vendo a impossibilidade na conservação da mãi, nos querem impôr o reinado do filho. — A Republica não tem Reis. —

AO EXERCITO.

Soldados! Será possivel, que ainda não conheçaes, quem são os vossos amigos? Já vos temos fallado por mais vezes, hoje precizamos fazer-vos uma comparação para saberdes athe que ponto vos trazem enganados esses pifias, que á vossa custa tem sabido pôr a banda á cinta.

Soldados!! Já muito antes da Revolução chamada da Maria da Fonte, os vossos chefes vos diziam, que o Povo era o vosso inimigo; chegou essa revolução, e perguntai aos vossos camaradas, como os povos tractavam os soldados, que fraternisavam com o povo.

Se algum rancor tinha ficado contra a tropa, era contra aquelles cerpos, que se tinhão destinguido no massacre contra seus irmãos, e esse mesmo rancor estaria perfeitamente acabado, senão fosse a emboscada de 6 d'outubro de 46, na qual os vossos chefes vos seduziram, e arrastaram a apontardes outra vez as baionetas contra o Povo.

Chegou essa emboscada, e amethade do Exercito seguiu as bandeiras Populares, e é para aqui Soldados, que eu chemo a vossa attenção.

Perguntai aos Soldados vossos camaradas; porque muitos lá andam no meio de vós, como foram tractados n'aquelles nove mezes, que durou a revolta? Elles vos responderão, que os Povos todos os abraçavam, que os Patuleias conviviam com o Soldado, que nunca houve motivo de desgosto entre um Soldado Patuleia, e um Soldado de linha.

Perguntai-lhe, quanto lhe ficou devendo a Junta do Porto de todos os mezes, que Serviram debaixo das suas ordens? Perguntai-lhes senão era certo que todos os officiaes recebiam a doze mil réis por mez, só para não se dever ao soldado?

Então Soldados, quem são os vossos amigos? São aquelles que vos abraçam, são aquelles, que vos pagam em dia, são aquelles, que antes querem passar mal e receber pouco do que deichar de vos pagar; são aquelles, que vos tractavam como irmãos; ou são esses verdugos, a quem andaes sujeitos, que vos devem quatro, seis, oito, e dez quinzenas, em quanto elles não dispensam um real dos avultados soldos, e gratificações? Ou são esses monstros que vos querem levar athe ao excesso de serdos os assassinos de vossos páis, e irmãos? só para elles não perderem os commandos! e poderem chibatar-vos, e fusilar-vos só por um acêno d'olhos?

Soldados! Os vossos amigos somos nós, que queremos lançar por terra as comedellas, e os roubos, a fim de termos dinheiro para vos trazer bem pagos, e não são aquelles, que querem por força comer muito, vindo a acontecer, que por elles comerem mui-

to, não vos fica, nem ao menos a ridicularia do pret.

A Nação quer um exercito; porque preciza um Exercito, mas quer um exercito de oito mil homens effectivos, e não um exercito de 24 mil homens só no papel para se receber o dinheiro, e não na realidade. Quer um exercito de soldados valentes, e promptos para ajudarem a Nação a defender-se, se for atacada pelos estrangeiros, mas não um exercito, que seja empregado pelos seus chefes todos os seis mezes, em fusilar seus irmãos. Quer um exerciso de praças de pret com os seus officiaes indispensaveis, mas não quer um exercito de rodilhas encarnadas, um exercito de officiaes, que mamam tudo, que consomem tudo, e que não deicham nada para o pobre soldado. E são estes os que vos enganam soldados; porque querem postos; porque querem gratificações; porque querem forragens, e como querem tanto, e vós concorreis para elles subirem; por isso cada vez há menos para vos pagar a vós.

Mas se houver nova revolta; e ella não póde estar longe, e vós soldados em vez de fusilardes o Povo, vos unirdes com elle, em enthusiasticos vivas á Republica; oh! então vós sabereis, quem são os vossos amigos, então vós sabereis o que é fraternidade, então vós sabereis o que é andar bem pago, então vós sabereis quanto esses comilões e patifes, que vos commandam, vos enganavam!

Soldados! União com o Povo!

Abaixo os tyrannos!

Viva a Nação Portugueza!

Viva a Religião de nossos pais!

Viva o Exercito que fraternisar com o Povo!!

Viva a Republica Federativa!!!

A REPUBLICA E O ESTANDARTE.

De que te espantas Estandarte? Porque razão, essa bandeira da devassidão, do roubo, do assassinio, da corrupção, e da immoralidade se desprega tanto contra os papeis clandestinos! Quem te authorisou, a ti, pobre, e criminoso fuficulario a ajuntares-te com toda a quadrilha para formulares leis tendentes a reprimir o vôo do pensamento, d'essa emanação divina, e liberrima, que a Divindade soprou no homem, quando lhe introduzio o espiraculo da vida? Se assim o não tivesseis feito, as producções do espirito, arrastado pela verdade, não seriam clandestinas.

Pensavas, que não chegaria um tempo, em que alguns intrepidos Cidadãos fossem desenterrar os crimes, ou elles se cubrissem com a purpura, ou se revestissem dos andrajos da pobreza?

Tendes o descaramento de tocar na Republica? Alto lá profanos!! Desviai-vos, e se commetesteis a audacia de tocar na arca santa com as mãos poluidas do roubo dos vazos do templo, ao menos, que não deixeis de soffrer o supplicio dos profanadores das cousas santas.

Porque não havia a Republica comparar diogo alves com maria da gloria! Achaes alguma differença no nascimento, na vida, e no passamento de ambos? São os trez pontos de partida no homem sobre a terra; todos nascem do coito de um homem com uma mulher, todos vivem do mesmo modo, todos morrem igualmente — a unica differença é a da virtude, diogo alves foi ladrão, foi salteador, menos criminoso porem que essa hyena maria da gloria, devoradora dos Portuguezes.

Porque não negaes os factos, os crimes horrorosos, que a Republica prova, que tem commetido o idolo corrupto da vossa hipochrita adoração?

Maria da gloria é neta de 36 Reis, dizeis-vós, e diogo alves não seria neto de 36 homens? Que differença é essa, que encontraes entre Reis, e homens? E paraes ahi na defeza do vosso idolo!! Fracos deffensores tem elle.

Folheai, folheai a historia, e nos trinta e seis ascendentes reis d'esse monstro prostituido, lá encontrareis o adulterio, a corrupção, e a immora-

lidade, lá encontrareis trinta e seis ladrões roubando todos uns aos outros a corôa, e não sem ensanguentarem o paiz em lagos de sangue innocente; lá encontrareis nos reis, muito poucos honestos, nas rainhas muito poucas as honradas. Talvez que nos trinta e seis avôs de diogo alves não encontreis, senão homens virtuosos, e mulheres honestas.

E' para este campo, que a Republica vos chama, é para o campo dos factos, e da realidade, e não para as regiões das palavras, e das chimeras.

Emudecei ladrões convictos, e primeiro que deicheis escapár dos bicos da pena algumas gotas de tinta para pagar ao capataz da quadrilha, á vossa maria o ter-vos contemplado de mais na partilha do roubo, olhai para vós, e confundi-vos; restitui primeiro ao Povo esses bens, que desfructaes, deponde as graças que tendes recebido de maria da gloria só, e unicamente por vos distinguirdes na vida de salteadores, e mesmo assim ficar-vos-ha livre o fazerdes penitencia, mas nunca o chamardes salteador a ninguem, nem mesmo a diogo alves, que vos fica muito inferior na escalla dos crimes, e vós muito mais a sima do que elle nos fuzis da cadeia dos atentados.

O processo a maria da gloria está formado; a sentença está lavrada, já passou em julgado; a sua execução dependerá de tempo, mas é irrevogavel.

UNIÃO E A'S ARMAS.

O que quer todo este Povo? Quer a Republica! porque quer liberdade, e sabe, que entre absolutismo, e Republica não há governo liberal possivel.

Quem embaraça pois este Povo heroico de levar ao cabo aquillo, que deseja? Será a força do governo? Não, porque toda a força armada, de que póde dispor em Lisboa, não chega a seis mil homens, e ainda quando t d a esta força fosse fiel ao governo, o que nós negamos, o que eram seis mil homens sem convicção contra oitenta mil; que se arrojassem á rua com a liberdade no coração?

Será o dinheiro? Tambem não! porque os seus servidores não tem um real, nem elles o tem para lhe pagar.

Será a falta de armas? Tambem não; porque já no numero passado fizemos ver que tudo são armas, quando um Povo quer uzar d'ellas, as espingardas dão só um tiro de cada vez, e em havendo córagem para de punhal na mão acometter, sem dar tempo de carregar segunda vez está tudo acabado.

Quem embaraça tudo é a desunião, é a intriga, é a ambição. — Acabemos por uma vez com taes mizerias; porque primeiro está o Paiz, que as pessoas, União, e ás armas!

Não vedes compatriotas, como esse homem sem vislumbre de vergonha, esse Saldenha sem pejo, e sem principios asseverou na presença da quadrilha de S. Bento, que sabe da nossa desunião? Que sabe, que uns querem a Constituição de 38 em a rainha..... quem serão os malvados, que andam entre nós, e querem tal couza? Oh! mas elle disse-o talvez porque o sabe, e aqui temos um dos embaraços.... Como diabo hade aparecer uma revolta para a Republica, se entre nós anda quem quer a rainha? A rainha!! Esse monstro devoradora!!!

Acabemos com isto cidadãos, ou Republica, ou nada. E para este grito evangelico União, e ás armas, e quem o não quiser, que fique mudo expectador das maravilhas de um Povo que quer ser livre. — A's armas, e sem demora.

A's armas e unidos!

A's armas na defeza de nossos direitos!

Abaixo a rainha!

Abaixo a sua raça!

Abaixo os Reis e a sua aristocracia!

Processo aos ladrões!

Viva a Republica!!!

Preço 10 rs.

N.° 7. JUNHO 13 de 1848.

A REPUBLICA.

JORNAL DO POVO.

A REPUBLICA.

E ainda quando tu mulher infame; Brazileira deshonrada, não tivesses commettido attentados pelos quaes te tens feito indigna de que um só Portuguez pague um real para tu gastares nos teus deboches, ou enviares para o estrangeiro, ainda quando os Portuguezes sem processo, nem sentença te arremeçassem para longe desde sólo, que envenenas com tua presença, manchas com tuas vistas, escandelisas por tua immoralidade, e insanguentas com tuas plantas: ainda quando chegassemos a ti e te dissessemos: — Desce d'esse throno e ausenta te — que razões de queixa terias tu a produzir?

Que direitos adquiridos tens tu á alta posição, que occupas? A Republica não te chama uzurpadora do throno; porque o não és, chama te aggraciada pelos Portuguezes com a corôa d'estes Reinos.

Que titulo te deram quando nascestes? — Princesa do Gram Pará. — Nem ao mesmo te honraram com um titulo do territorio que pizas.

Como podias aspirar a ser Rainha dos Portugueses, se eras mulher, e tinhas um irmão?

Correram annos, e teu pai uzurpador do Imperio do Brazil á Mây Patria, que o viu nascer, acclamou-se, ou o acclamaram os Brazileiros Imperador do Brazil, independente de Portugal.

Foi reconhecida por todo o mundo esta independencia, e o que ficou teu Pai sendo em relação a Portugal? — Um estrangeiro, nem podia ser de outro modo; porque os Brazileiros acclamando-se independentes de Portugal, não seriam tão asnos, que aclamassem

um Imperador Portuguez, sem que elle renegasse o nome, e a patria, e assim o fez; és filha de um renegado a quem os lisongeiros tem chamado despresador de corôas, mas a quem a Republica chama ambicioso d'ellas, e tanto que para agarrar a do Brazil renegou o nome de Portuguez.

Ahi acabaram os direitos dynastinos de teu irmão, que não os teus; pois não podias perder o que não tinhas.

Porque artes; porque manhas; porque arteirice; porque velhacaria pois apparece pela morte de teu avô, um Brazileiro, um estrangeiro pondo e dispondo do que não é seu, atropellando todas as leis destes reinos, nessa farça de abdicação; pois ainda quando o podesse fazer, lhe vedavam as leis o fazê-lo em teu favor? Quem authorisou um Brazileiro, o primeiro cidadão do Brazil a legislar para Portugal, e a enviar-nos esse presente do Inferno, que tem feito morrer a decima parte da População Portugueza em sanguentas guerras fratricidas?

Abdicou voluntariamente a Corôa do Brazil!! E' mentira; teu pai deu pelo amor de Deus, o que não podia haver; teu pai foi expulso do Brazil, abdicou obrigado como fazem todos, como tu tambem hasde querer fazer; abdicou; porque os Brazileiros o pozeram a páu para fóra do Brazil, e foi então, e só então, quando reconhecendo a impossibilidade de continuar a roubar, e a vergalhar os Brazileiros, quiz ao menos conservar a corôa ao filho, que se fora certo o ter alguns direitos em Portugal, era a esse a quem pertenciam, e não a ti colareja do Brazil!!!

Mas a velhacaria foi mais longe porque o tal desprezador de corôas, não só quiz segurar a do Brazil na cabeça do filho, que os Brazileiros aceitaram por ser uma creança; mas tambem lançou o olho ainda para a de Portugal, cujos filhos tinha elle corrido a xicote no Brazil por muitas vezes, e com o mesmo direito, com que o faria o Imperador da Russia em favor de uma filha, elle se atreveu a escrever, que abdicava em ti a corôa d'estes Reinos.

Sabes, quem te collocou a corôa na cabeça? As dissenções dos Portuguezes. Desde 1820, ou para melhor escrevermos d'esde 22, que Portugal estava dividido em dois bandos, o absolutista, de que teu thio era chefe; e o liberal, cujo chefe é a Liberdade.

Se D. Miguel fosse liberal.... oh! tu verias riscadas uma a uma todas as letras da decantada abdicação; ella não teve inserção na historia, senão porque teu pai, aproveitando o ensejo se collocou á frente do partido liberal. Em 1830, os liberaes aceitariam athe Abd el Kader, se elle prometesse pôr-se denodadamente á testa dos que pertendiam aniquilar o despotismo na pessoa de D. Miguel.

Eis aqui os teus direitos — estão baseados na conquista, estão baseados n'um contracto. — Queres governar constitucionalmente pela vontade dos povos e não pela tua? Queres ser em tudo, e por tudo Portugueza? Serás nossa Rainha? Disseram então os Portuguezes. Não cumpres as promessas? Governas despoticamente? Rasgas todas as clausulas do contracto? Abuzas do cofre das graças não condecorando senão ladrões, assassinos, devassos, e corruptos? Mandas fallar Portugal pelos estrangeiros cada vez que te apraz? Vai-te monstro, perdeste o direito, não tens que recalcitrar. — O Povo te deu uma corôa, o Povo te a arranca... Seja elle bemdito por fazer justiça!!!!

AO EXERCITO.

Em que paiz estamos nós? O que é isto? Que macas são essas que de continuo atravessam as ruas da capital, levando dentro corpos dilacerados que vão para os hospitaes, aonde ou exallam os ultimos suspiros, ou á força da cirurgia se arranja ainda d'esses feixes d'ossos um corpo humano?

Que expectaculos de carnagem, similhantes aos banquetes dos antropofagos são esses, que em quasi todos os dias ao despontar da aurora se observam nos largos dos quarteis dos soldados?

Que crime commeteu este paiz aos olhos de Deos para que elle o abandonasse á sanha sanguisedenta d'esse bando de selvagens, que decretam tal carnagem, tal vandalismo?

Soldados! O que é isto? Aonde está o vosso coração? Em que terra nascesteis, d'onde viesteis para consentirdes sem commoção, para assistirdes silenciosos, para observardes pacificos o ser retalhado o corpo dos vossos camaradas pelo crime de fallarem com seus irmãos?

Soldados! Abri os olhos; lede com attenção estas linhas, que aqui vos escreve um camarada vosso, um homem que já tem commandado homens, mas a quem nunca foi preciso o uso da chibata para ser obdecido, e merecer a vossa estima e respeito.

Dizem-vos os vossos verdugos, os que actualmente vos commandam, que nós os homens do Povo somos vossos inimigos, que pertendemos destruir o exercito, e outras calumnias d'este genero.

Mas reparai soldados para um facto que a Republica vos escreve.

Em 1846, no tempo do governo chamado da Maria da Fonte, bem sabiamos nós, que muitos soldados iam publicamente a casa dos seus officiaes desligados; bem sabiamos que entre os soldados andavam os officiaes desligados conversando, e alliciando, e vós bem sabeis, que fallamos a verdade; e entretanto soldados, esse governo nunca mandou chibatar um só soldado; e agora todos os dias se dilaceram as carnes dos soldados á força de chibata, ou por que fallaram com um paisano; ou por que conversaram com um official desligado, ou por outros crimes d'esta natureza.

Então soldados! Quem são os vossos amigos? Somos nós, que em todo o tempo do nosso governo não mandamos chibatar um só soldado, quando sabiamos o que se praticava, ou são esses monstros, que agora vos commandam, que todos os dias derreiam com chibatas algum de vossos camaradas? Sede justos; lede estas linhas com attenção, e decedi vós mesmos quem são os vossos amigos.

Soldados! Independentemente de espirito de partido, vós não deveis consentir similhante barbaridade, e em vós a não consentindo, ella não terá logar; olhai, que em Hespanha estavam agora para serem fusilados 13 sargentos, já estavam no oratorio, e apenas souberam, que os soldados se levantariam se os fuzilassem; logo lhes perdoaram; o mesmo hade acontecer por cá; em vós vos pronunciando energicamente contra o uso infame das chibatadas; em vós, se tanto for necessario, desfechando uma descarga cerrada nos patifes, que estiverem presidindo a esse acto desavergonhado, já não tornam a haver chibatadas.

Soldados! Pronunciai-vos, gritai contra os malvados, que vos assassinam; reparai, que elles tremerão, apenas vós vos mexerdes; por que sois vós sómente os que lhes dais a força. Ha prisões, ha degredos, ha guardas de castigo, ha muito modo de punir faltas; mas com chibata e pau! Oh! isso é para negros, isso é para cães.

Sereis vós por ventura negros escravos? Será a vossa carne, carne de cão? E' como a reputam esses malvados, que se dizem amigos do exercito, e que vos tractam a vós soldados do exercito, como se fosseis uns negros, como se fosseis uns cães.

Soldados! Sacudi o jugo; está na vossa mão. Só a Republica; por que é um governo de igualdade vos póde livrar de tanta afronta.

Viva a Republica!

Viva o exercito que proclamar a Republica.

Abaixo a chibata!

Abaixo os tirannos, que querem a chibata!

OS TRIBUTOS.

Que todos nós somos obrigados a contribuir, cada um de nós, conforme as nossas posses para manutenção da sociedade, isso é um dever, que nos impõe a nossa existencia, mas não confundam esses deveres com aquillo, que nenhum de nós tem obrigação de fazer.

Abusos intoleraveis estão arreigados no nosso sólo, e que só a Republica póde desarreigar.

Que obrigação tem o homem do Povo de desenterrar as riquezas das entranhas da terra, de suar sobre os instrumentos, com que aperfeiçôa a natureza, de calejar no trabalho, de abreviar os dias de sua existencia a fim de pagar cem contos de réis cada anno a um homem por dormir com uma mulher?

Quererão esses economistas que por ahi formigam, que um Povo tenha rigoroso dever de pagar tributos, para terem uma tal applicação?

Sabemos, que só tem remedio este mal com uma reforma radical, e que essa reforma é a Republica. E' este

um motivo de mais; porque a queremos.

Desaforo!! Não bastava ir buscar uma Brasileira, dar-lhe um throno, confiar-lhe o pôr, e dispôr de nossos bens, haveres, direitos, e vidas; dota-la com um conto de réis por dia, com uma immensidade de palacios, e quintas, com uma verba expantosa gasta annualmente com o costeio d'estas propriedadas, mas ainda em sima andarem sindicando aonde havia um menino bonito tambem estrangeiro para lho meter na cama, e exigir do Povo, que pague cem contos de réis cada anno a este menino pelo bem, que desempenha as funcções do apetite carnal!!! Proh pudor!!! Proh infamia!!!

E será anarchista um Povo, que não quer trabalhar para sustentar similhantes immoralidades?

Mas um conto de réis cada dia, que se dão á Brasileira; cem contos de réis, que se dão cada anno ao Allemão, mais cincoenta contos de réis ao anno, que se gastam com o costeio das propriedades, e mais outros cincoenta contos, que podiam render essas propriedades, ainda não chegam; era necessario, que aos filhos d'esses estrangeiros se vão assignalando enormissimas pensões, apenas chegam a cinco annos; já o mais velho lá tem oitenta contos cada anno, sessenta que rende a casa de Bragança, e vinte em dinheiro; já o que se lhe segue lá tem dez contos cada anno; e senão posessemos remedio a tanta ladroeira, depressa ouviriamos retinir as abobedas de S. Bento com o pedido, e concessão de mais dotes para essa nuvem de estrangeirinhos, que ahi vão aparecendo!!!

E a tudo isto se chama obrigação!! E a tudo isto se applicão os tributos!! E a tudo isto nos querem obrigar, mas não o conseguirão por muito tempo. Basta o que nos tem roubado. Só a Republica acabará estes roubos; eisaqui um dos beneficios, que ella virá fazer o Povo.

NOTICIAS DIVERSAS.

Consta, que o Rei de Napoles para o caso de perder a coroa, tem feito um tractado secreto com os Lasaronis, afim de se dividirem em quadrilhas de salteadores, e que os Lasaronis reconhecerão o Ex-Rei por cheffe absoluto de todos os Lasaronis do universo.

—

Parece, que o conde de Thomar offerece embargos, não querendo ceder o logar de cheffe; porque lhe pertence tanto pelo eximio talento, que tem desenvolvido na arte de furtar, como porque é mais antigo no exercicio, do que o tal Fernando, como emfim porque allega que o Rei de Napoles ja está muito rico, e que elle conde ainda não presediu a um saque, como aquelle salteador.

—

Os jovens desvalidos, e que não casam por falta de meios vão fazer uma Petição a Sua Magestade; para que o coffre da Nação dote as suas namoradas, afim de poderem casar, e que depois d'isto sejam elles tãobem dotadas, e que á porporção, que forem tendo filhos vão recebendo maior penção; porque o Povo tem obrigação de sustentar a sociedade, e esta não se sustenta sem a creação, e augmento da prole.

A Rainha attendendo á ley, que deve ser igual para todos, e aos exemplos de caza acha-se inclinada a differir a tão justa supplica.

—

As Armas de diversas Nações tem animaes diversos; os de Inglaterra dois Leopardos, as de Hespanha dois Leões, e as de Portugal no Reinado da Senhora Dona Maria da Gloria duas cabras.

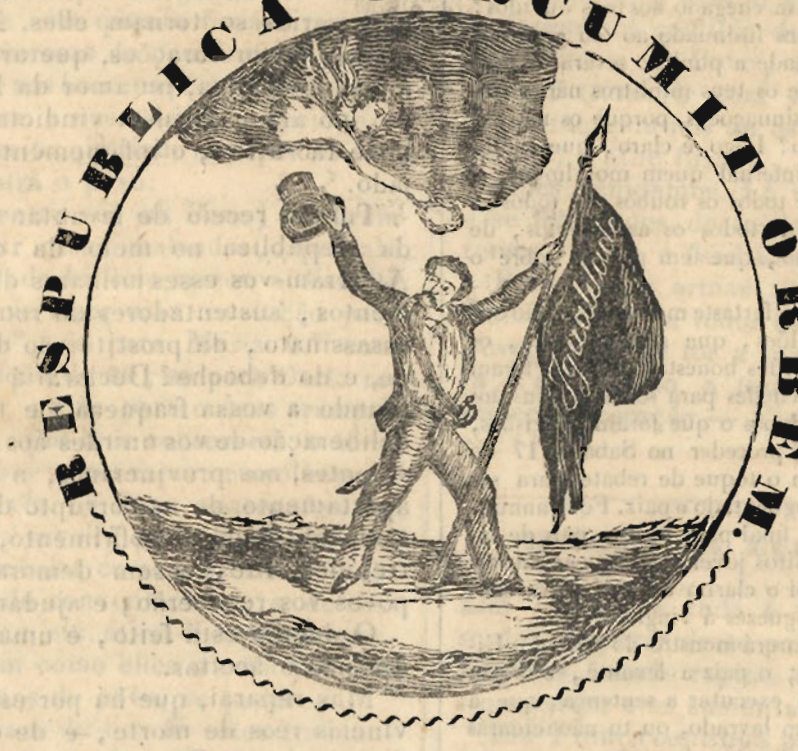
—

Sua Magestade querendo distinguir o conde de Thomar parece que lhe vai conceder, que possa uzar das armas reaes suspensas dos chiffres de dois bódes.

—

Porque razão se poria no baptismo nome de Antonia á Infanta? Seria para perpetuar o nome do Pai? Isso não pode ser; porque o Pai não é Antonio, é Fernando.

N.° 8. JUNHO 20 de 1846.



A REPUBLICA.

JORNAL DO POVO.

A REPUBLICA.

AINDA não estás farta mulher infame, que te alcunhas Rainha! Há um anno, que a escoria da sociedade Portugueza, armada de cassete, e de punhal por teu mandado tem cansado o braço de immolar victimas no altar da tua barbaridade.

Por teu mandado, sim monstro infernal; nem outra cousa se póde concluir do teu silencio profundo, quando até as paredes do teu palacio já foram salpicadas de sangue innocente, comparado com a desenvoltura, o desembaraço, que manifestas, quando já por vezes te tens collocado á testa dos assassinos da vida, e da liberdade dos Portuguezes.

Só tu és a culpada. O que é o saldanha? O que é o teu amante cabral? O que são os teus ministros? Cegos instrumentos dos teus mandatos. Nenhuma responsabilidade lhes deve recahir, porque só tu és a culpada de todos os crimes perpetrados contra a vida, bens, e direitos que nos pertencem.

Não te tens tu opposto ás medidas mais salutares, que te tem sido appresentadas por algum ministro patriota? Não demitiste sem as honras de ministro a José Alexandre de Campos; porque foi o unico, que não quiz ser traidor á revolução de Setembro? Não empurraste para fóra dos teus conselhos o ministro Saboroza, quando recusava ser estrangeiro? Não capitaneaste a revolta de Belem? Não reuniste no teu covil de salteadores os teus apaniguados para sahires com a infernal emboscada de 6 d'Outubro? Não fechaste até cartas de convite pela tua mão? Não tens sabido estender esses beiços de preta, e recuzar

a tua assignatura á nomeação de verdadeiros patriotas para certos empregos?

Então como é possivel acreditar, que os ais e os gemidos das victimas do punhal, e do cassete não tenham chegado aos teus ouvidos? E porque não tens insinuado ao teu governo, que era tua vontade a punição severa de tanto malvado? E se os teus ministros não obedecessem a tuas insinuaçoens, porque os não havias ter demitido? Logo é claro, que és tu, e só tu mulher infernal quem moralmente é a responsavel de todos os roubos, de todos os espancamentos, de todos os assassinatos, de toda a oppressão, que tem pezado sobre o paiz.

E ainda te não fartaste monstro!! Não ouves lá n'esses salões, que nós pagamos, os gemidos das familias honestas, a quem foram arrancados seus cheffes para serem conduzidos ás masmorras? Sabes o que foram as prisões, a que mandaste proceder no Sabado 17 do corrente? Foram o toque de rebate para ser novamente ensanguentado o paiz. Foi o annuncio da trombeta final para muitos pais de familias, para muitos jovens esperanças futuras de seus pais; foi o clarim da tua raiva chamando os Portuguezes á vingança.

E vingança harerá monstro do Inferno. Estendeste a luva; o paiz a levanta, e d'esta vez; ou se hade executar a sentença, que a Republica te tem lavrado, ou tu não reinarás senão sobre um montão de ruinas.

O que fez a Duquesa do Mantua, que possa ter pararello com os teus actos? E estarás tu em diversa posição? De certo que não; a Duquesa de Mantua era governadora do Reino em nome de Filippe de Castella; tu és governadora do Reino em nome da Inglaterra. Propara-te pois, dispoe os teus negocios; proque se aproxima a hora terrivel.

AOS PORTUGUEZES.

Que mais esperaes vós cidadãos Portuguezes? O vosso sangue tem corrido a jorros ha um anno á mão d'assassinos pagos para esse fim por uma corte, e um governo, a quem sustentais com o suor do vosso rosto.

Uma nuvem de espiões anda espalhada entre nós com carta branca para disporem da nossa liberdade, da nossa honra, do nosso bem estar, e exigem-se-nos tributos para trazer bem pagos estes nossos verdugos, os carrascos da nossa existencia.

Os mais honestos cidadãos, os mais acrisolados defensores dos direitos do homem andam em listas de proscripção, — que mais esperaes?

Não ha entre nós Fieschis? Bem necessarios se tornam elles. Mas ao menos hajam corações, que ardam no amor da justiça, no amor da liberdade, no amor da justa vindicta de um povo tão atroz, e infamemente ultrajado.

Tendes receio de levantar o grito da Republica no meio da capital? Atterram-vos esses milhares d'instrumentos, sustentadores do roubo, do assassinato, da prostituição do throno, e do deboche? Declarai á face do mundo a vossa fraqueza, e tomai a deliberação de vos unirdes aos homens valentes, aos provincianos, a quem o apartamento do ar corrupto da corte tem habituado ao soffrimento, e á intrepidez. Ide, e sem demora, e os povos vos receberão, e ajudarão.

O desafio esta feito, é uma cobardia não o aceitar.

Mas reparai, que há por essas Provincias réos de morte, e de confisco de seus bens. Reos de morte são todas as authoridades da confiança da pandilha d'essa mulher infame, que se chama Rainha. Réos de confisco para as urgencias do estado, e da guerra, a que a Rainha nos provoca são todos os homens, que com sua influencia, e riquesa tem sustentado a perfidia há tantos annos.

A vossa conducta na revolução, a que nos arrastam as barbaridades do Governo deve ser esta: — authoridade local, e de confiança agarrada em qualquer povoação deve ser immediatamente fusillada.

Homem com fama de cabralino e sustentador da cabralada, e por ella agraciado, condecorado, ou elleito deve ser confiscado em tudo quanto se lhe encontre de valor, e é com estes valores a cargo de uma commissão popular, que se devem supprir as despezas da guerra, e não bulir nos bens, nos dinheiros, nas ceáras, e nos productos do homem do povo, que tão massacrado foi na revolta pas-

sada; pois os intitulados chefes do povo punham guardas ás portas dos cabralistas fugidos para o campo inimigo a fim de que ninguem lhe violasse a casa, em quanto faziam requisições horrorosas de comestiveis, e de dinheiro aos homens proprietarios, que pelejavam a nosso lado. Parecia que de proposito queriam indispor os animos contra o povo.

E se entre vós oh Povo, se forem introduzir esses malvados, que ahi têem estado ha seis mezes a discutir se se deve fazer uma revolução para Pedro 5.º, se para Maria 2.ª com constituição de 20, se para Carta reformada, ou se para outras tranquibernias, que lhes conservem o throno, sombra a que esperam acolher-se; se entre vós oh Povo aparecerem os chefes da revolta passada, e vos quiserem embalar com as palavras de ordem, e de conveniencias, e de disciplina etc. etc. atirai-lhe uma descarga, assim como elles o estão jurando aos homens do povo, se poderem.

Andavam de boa fé estes traficantes, e passavam para tropa de linha uns poucos de sargentos populares em soldados, porque tinham bebido um pouco de vinho generoso na adega do grande cabralino Salvador Sarmento de Faria, que estava a fazer nos fogo no campo inimigo!!

Nem vos atterreis homens do Povo com as ameaças, de que os cabraes, e a Rainha fará o mesmo aos nossos... aos nossos? Quem for nosso n'esse momento terrivel não deve estar aonde estão os cabraes com a Rainha, e por isso vão para onde está o Povo a debellar a tirannia.

Se a Junta do Porto, quando essa vibora chamada Rainha teimou em degradar os nossos prisioneiros, mandasse meter no Oratorio, o Duque, o Santa Maria, o Bispo, e tantos quantos eram os degradados com o proposito firme de os fusilar, se se effectuasse o degredo, nenhum ia degradado.

A maldicta ordem, a moderação e a disciplina no meio das revoluções, é que sempre as tem perdido; são os cabrestos, que esses Fariseus, que por ahi andam lançam logo ás massas para sophismarem as suas intenções.

A Republica sabe das ameaças, que se fazem nos comités dos pastelleiros aos homens do Povo, que não tem querido transigir com os seus enganos. Ameaçam-nos de os desacreditar, perder, e athe fusilar,.... pois no que cuidaes, cuidamos. Lá nos veremos, e se tractardes de fusilamentos, veremos, quem é fusillado!!!!!

Povo!! A's armas, e á revolta!! Guerra eterna a todos os inimigos do Povo, seja qual for a sua libré. Guerra d'exterminio a tudo quanto não disser de coração — Viva a Republica!!!!!!

ESTADO DA EUROPA.

Em Inglaterra tudo é Inglez. Não se deve esperar deste paiz, nem dos Inglezes, senão rapina com que enriquecerem e se sustentarem.

Em França continua por ora a Republica muito enfesada pelas tranquibernias dos pastelleiros de lá.

Em Italia, se haviam proclamar uma Republica, andam-se matando Italianos, e Austriacos para mudarem de senhorio. Não serão muitos reisinhos a dominarem cada um o seu bocado; será o Carlos Alberto dominando tudo. Não vale a pena tanto sangue derramado para um rebanho mudar de dono. Se o burro hade continuar a ser burro, tanto faz que o albarde Pedro, como Paulo.

Na Austria fugiu o Imperador para ver se fazia uma Villa Francada; mas por ora não lhe tem sido possivel, não ficaram em Vienna Saldanhas para pisarem laços constitucionaes, ficaram estudantes liberaes, que nomearam um governo provisorio, mas não ajuisamos bem da cousa, em quanto estiverem a olhar para o Imperador.

Na Polonia continua a bordoada, mas sem resultado para a independencia d'aquelle paiz.

Em Hespanha está por ora no throno a innocente Serrana, mas está-se arranjando uma tranquibernia ou para a descazar, e tornar a cazar, (a ella tambem dá-se-lhe pouco d'isso) ou para a fazer abdicar na irmãsinha, casada com o Francez Montpensier.

Por cá não preciza dizer o que vai; continua a ser rei absoluto o amante da Rainha o conde de *tomar*, e a pedirem-se tributos ao Povo para sustentar esta caranguejola, a prender-se todo o bicho vivo, e os pastelleiros a intrigarem tudo para senão fazer nada, principalmente um, que para ahi anda, a quem o Leonel Tavares definiu — *Dissolvente.* —

UM ESPIÃO.

E' baixo, algum tanto grosso; dizem que é sargento de veteranos. Tem barba espessa, e cumprida, que lhe cahe ao peito grisalha nas extremidades.

Traja sobrecasaca á cassadora com golla preta virada, bonet de oleado sem palla, e uza de oculos.

Ja haviam seus rumores, de que andava entre o povo feito espia, mas na 2.ª feira 19 do corrente foi visto as sete, e meia da manham tocando á campainha do Marquez de Fronteira, aonde lhe disseram, que S.ª Ex.ª ja ali não morava.

A's onze menos um quarto passeava elle defronte da escada da Secretaria do Reino, aonde esperou o Ministro, entrando apoz elle, demorando-se lá, e sahindo pelo meio dia.

Prevenimos os nossos amigos.

—

OUTRO ESPIÃO.

E' Barbeiro; mora no bairro de Santa Catharina; ignoramos o nome, e a morada; inculca-se patuleia, faz offerecimentos de arranjar armas, polvora etc.; recebe pela policia, e tem premio prometido, quando descobrir certas cousas.... é homem de 6ª polegedas, de trinta e tantos annos, bigode, pera, e suiça em roda. Traja sobrecazaca. — Cautella com elle.

—

OUTRO ESPIÃO.

Mora para o 1.º districto. Dizem-nos, que foi em Setubal Brigadas do 2.º Batalhão Emigração Lisbonense. — Haja cuidado!!

VARIEDADES.

Ha nomes bem infelises, ou que tornam bem infelizes os individuos, em quem recahem; nós por exemplo, se tivessemos filhos não lhe punhamos Fernando. Este nome tem diabo.

O rei de Napoles é Fernando, e vai senão quando une se com os ladrões, com os lazzaroni, e dá saque a Napoles. A historia não póde deixar de o collocar a par dos ladrões insignes, dos salteadores famosos.

Em Hespanha houveram sete Fernandos Reis, que todos lá tiveram os seus *dares*, *e tomares*, mas não precisa, senão lembrar-mo-nos do pobre homem Fernando 7.º — o marido da Christina, a amiga do coronel Munhos.

Cá em Portugal tivemos um Fernando Rei, que cazou com essa grande prostituta da Rainha Dona Leonor, que terminou a carreira de sua prostituição, matando-lhe o amante á sahida da porta da Alcoba...

Agora temos um pax vobis de outro Fernando, que vê a mulher a sacrificar tudo pelos amores do conde de Thomar, e anda com cara d'asno muito satisfeito da sua vida; em fim é Fernando, e basta; pobre basbaque!! Ainda em sima foi elle mesmo o portador do fardo adultero para o castello de gualdim Paes. Aquella visita foi o Diabo!!

Em fim os Fernandos não provam lá muito bem; e a tal racinha femenina de Bourbons, e Braganças parece que as talhou a Providencia para serem cazadas com Fernandos, ou Jans Fernandes.

Preço 10 rs.